

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA**

**OS DESENCONTROS E A RECONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE NO ROMANCE *A SÍNDROME DE  
ULISSES*, DE SANTIAGO GAMBOA**

**MARIA DA GRAÇA SAYÃO ALVES**

Rio Grande  
2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA**

**OS DESENCONTROS E A RECONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE NO ROMANCE *A SÍNDROME DE  
ULISSES*, DE SANTIAGO GAMBOA**

**MARIA DA GRAÇA SAYÃO ALVES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras na área de História da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Mousquer

Data da defesa: 14 de agosto de 2012

Instituição depositária:  
Sistema de Bibliotecas - SIB  
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

**Rio Grande, agosto de 2012**

## **DEDICATÓRIA**

Acreditando que a verdadeira educação só acontece mediante a liberdade, dedico esta dissertação à memória de meu pai, que sempre permitiu que eu seguisse o meu caminho, sem contestar as minhas decisões, mesmo quando equivocadas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço sinceramente pela realização desta dissertação:

À paciência e ao carinho de meu orientador, Antônio Carlos Mousquer, que sempre bem me acolheu;

Aos professores Artur Vaz e Luiz Fernando Marozo, que sempre me apoiaram durante a trajetória acadêmica;

Ao meu esposo, pela compreensão;

À minha filha, pelo apoio e estímulo;

Ao meu genro, pelas intermináveis conversas sobre exílio;

À minha mãe, por compreender a minha ausência;

À CAPES, que me proporcionou a bolsa de estudos.

## **Resumo**

A presente dissertação analisa a obra *A síndrome de Ulisses*, de Santiago Gamboa, buscando verificar questões ligadas à diáspora. Desse modo, empreende-se uma reflexão acerca das experiências do imigrante pobre no país de exílio, da significação do “outro” para o rompimento com a terra natal, da adaptação ao solo novo e da sobrevivência no exílio. Por fim, busca-se compreender como as vivências experimentadas no país buscado configuram-se na construção de uma nova identidade.

## **Resumen**

La presente disertación analiza la novela *El síndrome de Ulises*, de Santiago Gamboa, buscando verificar las cuestiones relacionadas a la diáspora. De ese modo, se hace una reflexión en relación a las experiencias del inmigrante pobre en el país de exilio, la significación del “otro” a través del rompimiento con la tierra natal, la adaptación en el nuevo suelo y la sobrevivencia en el exilio. Al final se busca comprender como las vivencias en el país escogido se configuran en la construcción de una nueva identidad.

## SUMÁRIO

<b>Considerações iniciais</b> .....	8
<b>1 Os matizes do universo globalizado</b> .....	11
1.1 A diáspora: algumas considerações .....	11
1.2 A diáspora no romance <i>A síndrome de Ulisses</i> .....	25
<b>2 Fraturas na utopia</b> .....	38
2.1- A distância .....	39
2.2- O desencontro .....	43
<b>3 Reconstrução e reconciliação</b> .....	59
3.1- O sujeito e o espaço .....	59
3.2- Sexualidade e reconstrução .....	68
<b>Considerações finais</b> .....	81
<b>Referências bibliográficas</b> .....	85

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ainda na graduação fui bolsista de Iniciação Científica do CNPq e, naquele momento, tive a oportunidade de conhecer a obra poética de Oscar Bertoldo e de Paulo Roberto do Carmo. Posteriormente, já no mestrado, mais especificamente no curso desenvolvido na disciplina de *Literatura comparada*, minhas motivações sofreram mudanças. O foco da referida disciplina centrava-se no estudo da literatura pós-colonial e em suas temáticas, como o multiculturalismo e a dispersão do sujeito. Dessa forma, passei a repensar meus objetivos, reconhecendo, então, o envolvimento com o estudo de narrativas.

Ao conhecer a obra do escritor Santiago Gamboa, nascido na Colômbia, em 1965, e seu romance *A síndrome de Ulisses*, apresentado na disciplina de *Teoria dos gêneros*, passei a refletir sobre o sujeito que se instala em outro país e é invadido por uma cultura diferente da dele. Outro ponto que me motivou a repensar minha pesquisa foi a leitura dos textos de Homi Bhabha e suas formulações teóricas acerca do hibridismo cultural e da relação com o outro. Edward Said e outros teóricos que tratam do referido tema igualmente suscitaram meu interesse.

Um terceiro fator, de âmbito pessoal e que contribuiu para meu interesse nessas teorias é o convívio mantido com um imigrante chileno. Com isso, além das teorias estudadas, presenciei no cotidiano diversos aspectos relativos à permanência em uma terra estranha, como a tentativa de adaptação e o surgimento do entre-lugar. As relações de amizade, o matrimônio e as vivências profissionais são outras questões também muito particulares no contexto da imigração e foco de meus interesses de estudo.



Devido a tais fatores, provenientes tanto da esfera profissional quanto da pessoal, orientei minha pesquisa para o homem que sofre com o exílio. Dessa forma, defini que a dissertação tomaria como questão norteadora os aspectos identitários e culturais do homem que vive a diáspora.

De acordo com as disposições eleitas, o presente trabalho objetiva analisar o romance *A síndrome de Ulisses*, de Santiago Gamboa, a fim de nele verificar os efeitos da diáspora na identidade do sujeito. A partir da leitura do romance, pretende-se observar as experiências e as vicissitudes do protagonista Esteban em solo estrangeiro.

Por isso, o primeiro capítulo apresenta algumas decorrências do sistema globalizado que incidem na formação do sujeito contemporâneo. Busca-se ainda verificar como a expansão global leva o homem a manifestar o desejo de também expandir seus conhecimentos de mundo. A diáspora torna-se, assim, uma decorrência dos novos tempos e uma questão relevante para a compreensão do homem pós-moderno.

Para entender a nova ótica que permeia o termo diáspora, faz-se necessário pesquisar o que alguns teóricos afirmam acerca do referido fenômeno. Com isso, a primeira seção enfocará as definições de diáspora e seus efeitos no passado e na contemporaneidade.

Em seguida, a segunda seção discorre sobre a diáspora no romance *A síndrome de Ulisses*. Nesse momento, é discutida a fortuna crítica do autor Santiago Gamboa e a leitura de alguns trabalhos voltados para a sua obra. Por fim, há um breve resumo do romance com o objetivo de fornecer dados fundamentais para a compreensão do mesmo.

O segundo capítulo aborda as ideias do autor de que para haver uma boa produção de uma ficção torna-se necessário que esta esteja baseada em alguns fatos reais.

Logo após, a segunda seção analisa as atitudes do sujeito que abandona o lar em busca de aventura. Para tanto, foram utilizadas teorias que definem o personagem como um ser que se coloca à prova, além daquelas que se dedicam a pensar a questão da identidade. A segunda seção abrange a idealização do personagem com a vida no exterior, entretanto, por vivenciar problemas financeiros e amorosos, as perspectivas de felicidade revelam-se como um desencontro com a cidade almejada.

O capítulo seguinte discute o desejo do personagem em aventurar-se em busca de uma vida satisfatória, e como essa busca promove o conflito entre interioridade e mundo exterior. Em virtude de o personagem afastar-se de sua cultura e experimentar novas experiências, a primeira seção discute sobre a influência do meio na identidade do sujeito. A segunda seção abrange a forma escolhida por Esteban para a reconstrução de sua identidade. Por isso, busca-

se entender a representação das personagens femininas na vida de Esteban, por meio de fundamentos recolhidos de pensadores voltados ao estudo do erotismo e da identidade. Por fim, são retomadas, nas considerações finais, as questões desenvolvidas ao longo do trabalho e sua importância para o desenvolvimento posterior do tema aqui desenvolvido.

## **1. OS MATIZES DO UNIVERSO GLOBALIZADO**

A globalização, além de inserir novas perspectivas comerciais, sociais e políticas, passou a produzir um sujeito que, na tentativa de moldar-se ao progresso mundial, desenvolveu uma forma ambígua de relacionar-se com a terra natal e a cultura. Atualmente, impelido pelo fenômeno globalizante, ele encontra-se envolvido na busca por novas experiências de vida, o que provoca um contínuo contato com o “outro” e, conseqüentemente, com culturas diferentes.

A conexão entre os dois eixos, indivíduo e globalização, gerou um estado complexo que denota as vantagens e as desvantagens de deixar a terra natal. Ao sair de casa, o sujeito está suscetível a emoções fragmentadas, o que culmina, em não raros momentos, na descentralização do “eu”. E, em consequência dos constantes deslocamentos, o indivíduo reelabora a sua significação de lar, desnudando-se da antiga personalidade para tornar-se outra pessoa. Assim, o sujeito incorpora-se ao meio e, com isso, perde a identidade original. A partir daí, nota-se que, mesmo com a ressignificação que o sujeito concede ao lar, a diáspora não deixará de promover uma crise identitária.

O conceito de diáspora sempre esteve atrelado ao banimento de um povo de sua terra natal, mas atualmente o termo vem abordando a disposição do sujeito de sair de casa. Contudo, seja por vontade própria, circunstâncias políticas ou econômicas, a diáspora continua aflorando um sentimento de não pertencimento. Nesse sentido, sua significação ainda está muito arraigada ao sofrimento e ao desconhecido, pois o deslocamento desenvolve no imigrante uma fragilidade emocional que o distancia de sua identidade. A fim de compreender como o afastamento do lar afetou e afeta a nacionalidade, a cultura e a identidade do sujeito, se faz necessário pensar a significação atribuída à diáspora. Para tanto, torna-se apropriada a consideração de algumas vertentes teóricas envolvendo o conceito de diáspora.

### **1.1 A diáspora: algumas considerações**

Ao pensar em diáspora, logo vem à mente a dispersão de um povo que, de maneira descontente, passa a suportar a subjugação de outra nação. E como referência desse

acontecimento pode-se destacar, na antiguidade, os judeus e sua condenação ao desterro. Dada a magnitude do ocorrido com a nação judaica, torna-se difícil desconsiderar a relação entre a diáspora e a ruptura abrupta das raízes culturais.

O termo diáspora, seja atrelado ao degrado do povo judeu ou discutido em um contexto pós-moderno, mantém-se carregado de um sentimento de solidão e abandono. Segundo Aimée Bolaños, a diáspora teve sua formação em sociedades que pregavam a expansão através de contatos produtivos, podendo, porém, adquirir denotações distintas:

O significado de diáspora muda em novos contextos geopolíticos. Formado em sociedades que se expandiram em contatos fecundantes, mas não isentas de dominação, inicialmente alude à criatividade multicultural (2010, p. 167).

Constantemente, o termo diáspora vem assumindo outras significações, já que, diante da expansão do universo globalizado, o indivíduo tem experimentado o deslocamento da terra natal. O sujeito deixa o lar, em várias ocasiões, em nome do desafio de experimentar outro tipo de vida, mas, ao afastar-se de suas tradições, começa a enfrentar crises emocionais que provocam a perda da identidade.

A fim de acompanhar as mudanças realizadas pela globalização, a diáspora passa a tomar outra proporção, desvincilhando-se, então, do conceito fechado de escravidão. Entre as muitas considerações feitas por Bolaños, envolvendo o conceito do referido termo, pode-se destacar a teoria de James Clifford e a relação entre exílio e exilado. O teórico aponta a dimensão do fenômeno diaspórico sob um matiz contemporâneo, pois, para ele, a diáspora tem gerado uma relação de convivência entre pessoas de culturas diferentes. Os indivíduos, ao viverem exilados, são compelidos a formar laços sem dar relevância ao nacionalismo:

Não menos esclarecedor é James Clifford ao estudar identidades comunitárias e se perguntar como o discurso da diáspora representa as práticas de construir lares longe do lar. Interessa-se pelo fenômeno contemporâneo da “dimensão diaspórica” e de como se criam vínculos entre gente de origem comum em diferentes lugares, constituindo identidades que, ao estender pontes, não reproduzem o nacionalismo (BOLAÑOS 2010, p. 169).

Viver a diáspora dentro de um novo contexto significa relacionar-se com pessoas que possuem o objetivo comum de permanecer no exterior. A situação de viver distante de casa, ainda que por vontade própria, tem unido minorias dispostas a relacionarem-se mutuamente, a fim de enfrentar a frieza do exílio. E é por esse motivo que as diferenças culturais passam a um segundo plano, uma vez que durante a diáspora ocorre a valorização do “outro”. Somente

pelas afinidades com outros imigrantes é que o sujeito, afastado de sua família e de sua pátria, encontrará um modo de identificar-se com o ambiente estrangeiro. Dessa forma, é a partir da parceria entre sujeitos de diversas nacionalidades que surge uma ótica contemporânea de diáspora.

Nesse mesmo contexto, aparecem outras considerações sobre a situação de viver o exílio, as quais se afastam ainda mais da designação original do termo, vertida pelas escrituras bíblicas. A diáspora não pode estar agregada somente ao passado de um povo que foi excluído. Na atualidade, vivê-la compreende uma negociação de culturas, situação decorrente da migração. Por tudo isso, torna-se relevante pensar como as necessidades do sujeito global, de certa forma, mudaram o sentido de diáspora.

A teórica Atvar Brah, mencionada por Bolaños, amplia o conceito de diáspora, à medida que, para a referida teórica, a estrutura de diáspora não representa somente a ideia de separação, mas desdobra-se em novas perspectivas, contribuindo para que o sujeito tenha a esperança de um recomeço de vida:

diáspora é um conceito geral, abrangente, daí, sua força e fraqueza. Não uma imigração eterna ou trans-histórica, mas uma formação compósita que se espalha por diferentes lugares, criando comunidades imaginadas. Assinala, portanto, os processos de multilocalização através de fronteiras geográficas, culturais e psíquicas; alude à migração de coletividades e formações comunitárias que geram lugares de longo tempo. Embora a palavra evoque trauma e separação, presentes em qualquer migração, diáspora também significa esperança e começo (2010, p. 170 apud BRAH 1998).

A diáspora tem sido experimentada por pessoas que possuem a expectativa de um modo de vida melhor. Entretanto, não deixando de constituir um paradoxo, a diáspora é sempre convertida em trauma, em função do afastamento da terra natal. Ainda que o sujeito mude de país por vontade própria, o exílio terá uma forte influência na identidade desse sujeito. Fundamentada pelo universo globalizado, a diáspora atende a necessidade do indivíduo contemporâneo de afastar-se do lar sem a promessa de retorno e, por isso, acaba por desencadear uma ruptura entre lugar de origem e identidade.

Bolaños, ao citar as observações de Brah, afirma que nem sempre as atitudes do imigrante revelam o desejo de voltar à pátria. Isso ocorre pelo fato de o indivíduo estar inserido em um universo que lhe permite integrar-se às outras culturas:

Para ela, o desejo do lar não equivale ao desejo de voltar para o lugar de partida. Embora esteja sendo diasporizado, o lar reaparece como subtexto das novas circunstâncias de localização. Onde está o lar, quando e como o lugar se transforma em

lar? Eis as perguntas típicas do sujeito diaspórico para as quais não há respostas unívocas. O lar aparece como um lugar mítico do desejo, em consequência, de impossível retorno, ainda que se visite o país natal, mas o lar é a progressiva realocação, o cotidiano de vida em novos contextos sociais (2010, p. 170 apud BRAH 1998).

O novo olhar acerca do lar ocorre principalmente porque é durante a diáspora que o sujeito cria uma nova percepção de si. É durante essa viagem interna que o indivíduo se desconhece em relação ao passado, tornando-se outra pessoa. A diáspora não permite que a mesma personalidade ou a velha identidade sobreviva aos matizes culturais promovidos pelo fenômeno globalizante. As ideias de Brah em relação à diáspora, assinaladas por Bolaños, deixam bastante claro que o sujeito migrante é transformado durante a saída do lar:

A viagem paradigmática da diáspora não é simples ou temporária, nem uma metáfora do exílio individual, senão as múltiplas viagens que podem ser sincretizadas em uma viagem emblemática e simbólica pela confluência de narrativas, nas quais a viagem é vivida e revivida, reproduzida e transformada. O sujeito diaspórico transforma-se na viagem transcultural, sendo transformador também dos espaços em que transita, efetiva a formulação de dupla mão (2010, p. 170,171 apud BRAH 1998).

Conforme Bolaños, a teoria de Brah fundamenta-se na ideia de que o indivíduo passa por modificações ao adquirir o conhecimento de novas culturas. Contudo, o sujeito que vive o exílio também atua como transformador dos espaços pelos quais transita. E, em decorrência de uma constante locomoção por parte do sujeito, o processo global passa a assumir matizes situados além dos aspectos econômicos, políticos e sociais. O referido processo transcende ao que aparentemente só pode ser observado como grande desenvolvimento mundial. A globalização penetra fundo na alma do sujeito que decide, então, buscar diferentes modos de vida.

Numa descrição em função dos resultados do fenômeno globalizante, Stuart Hall também traz contribuições relevantes para que se compreendam os efeitos da migração. Segundo ele, a diáspora terá consequências muito particulares, pois depende da situação experimentada por cada sujeito. O exílio, ao ser provocado por difíceis circunstâncias, tanto no âmbito econômico quanto no político, desperta a sensação de desterro.

Na visão de Hall, estar longe de casa por motivos alheios à vontade do indivíduo faz aflorar um sentimento de dispersão, já que ele tem a ideia de pertencimento desde o nascimento:

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e das linhagens dos genes, seja

constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária do nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda a parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espelhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor (2009, p. 28).

Hall pauta-se na premissa de que a saída da terra natal sempre possui um motivo, e exemplifica o desejo de um “retorno redentor” (2009, p.28) a partir do exemplo do povo caribenho, espelhado, por sua vez, na diáspora judaica. A ideia difundida pelos caribenhos de manter a cultura original remonta à situação dos judeus que, quando libertados da escravidão, pensavam em restaurar sua cultura. No que concerne à reparação da fissura cultural ocorrida durante a diáspora, Hall afirma que tal esperança de retorno às raízes faz parte, também, de um mito pertencente ao povo caribenho:

Nessa metáfora, a história – que se abre à liberdade por ser contingente – é representada como teológica e redentora: circula de volta à restauração de seu momento originário, cura toda a ruptura, repara cada fenda através desse retorno. Essa esperança foi condensada, para o povo caribenho, em uma espécie de mito fundador (2009, p.29).

O fim do exílio, tanto para os judeus quanto para o povo caribenho, seria um intento de reanimar a relação fraturada com as tradições. Entretanto, ambos os povos possuíam uma visão utópica de restauração cultural, à medida que passaram a assimilar outros tipos de cultura. Os judeus, apesar de escravizados, sentiam falta do sistema organizacional que compunha a sociedade egípcia. Tais fatores contribuía para a incitação do medo da terra natal, além de suas convicções religiosas encontrarem-se abaladas pela hibridização cultural durante a diáspora. O povo caribenho, por sua vez, no dizer de Hall, tampouco conseguiu manter uma pureza cultural:

A cultura caribenha é essencialmente impelida por uma estética diaspórica. Em termos antropológicos, suas culturas são irremediavelmente “impuras”. Essa impureza, tão frequentemente construída como carga e perda, é em si mesma uma condição necessária à sua modernidade (2009, p. 34).

A diáspora provoca a violação da pureza cultural e uma fissura entre sujeito e local de origem. Assim, o pertencimento está em crise, o sujeito é, ao mesmo tempo, de todo o lugar e de lugar algum. E se a relação entre nascimento e identidade tem sua estrutura abalada, a cultura, que aparentemente era fechada em si, torna-se um espaço transitório. Entretanto, com

tal afirmativa, não se está dizendo que a cultura não se origine de algum local. Hall admite que as culturas possuem seu local, mas o teórico não deixa de assinalar que a diáspora contribui para que haja uma subversão cultural:

Portanto, é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o “lugar”. [...] As culturas, é claro, têm seus “locais”. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam. Nessa perspectiva, as identidades negras britânicas não caribenhas não são apenas um reflexo pálido de uma origem “verdadeiramente” caribenha, destinada a ser progressivamente enfraquecida. São o resultado de sua própria formação relativa autônoma (2009, p. 36).

A partir da diáspora, os caribenhos passaram a ter uma visão diferenciada sobre a África, por ela não estar mais ligada a uma tradição imutável, mas sim a uma releitura da nova cultura. Desde o momento em que se admite a releitura de culturas surgidas durante a diáspora, pode-se começar a refletir a respeito da significação do pós-colonial. Comumente se compreende o pós como a ruptura com o passado, ou seja, como uma divisão entre o antes e o depois; entretanto, conforme Hall, o conceito de pós-colonial não pode ser baseado em uma ideia simplista de binarismo, pois o pós-colonialismo está mais relacionado ao cultural do que propriamente à passagem de uma época para outra.

Se o momento pós-colonial é aquele que vem *após* o colonialismo, e sendo este definido em termos de uma divisão binária entre colonizadores e colonizados, por que o pós-colonial é *também* um tempo de “diferença”? Que tipo de diferença é essa e quais as suas implicações para a política e para a formação dos sujeitos na modernidade tardia? Essas questões têm assombrado cada vez mais o espaço de contestação no qual o conceito de “pós-colonial” opera hoje (2009, p. 95).

A observação de Hall acerca do pós-colonial contempla a noção de que não há como prender-se a um conceito fechado do referido termo pelo fato de existirem várias vertentes para explicar o significado de pós-colonial. Contudo, pode-se pensar no pós-colonial como uma releitura do que foi o colonialismo:

Ele relê a “colonização” como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural – e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou “global” das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação. Seu valor teórico, portanto, recai precisamente sobre sua recusa de uma perspectiva de “aqui” e “lá”, de um “então” e um “agora”, de um “em casa” e no “estrangeiro” (2009, p. 102).



O pós-colonial promove uma revisão das raízes que pareciam eternizadas antes do colonialismo. O sujeito que vive o pós-colonial adquire uma nova relação com o colonizador, pois não existe antes e depois, mas a percepção do que se faz agora em termos de cultura. O pós-colonial, na verdade, provoca uma renovação na consciência do sujeito em relação às diferenças e às conquistas pessoais. O indivíduo produzido por uma diversidade de culturas vai à busca de diferentes experiências, conferindo um novo sentido à diáspora. Dessa forma, o pós-colonial traduz a arte de um povo que se descobre num interstício cultural.

O pós-colonial tem sido revisto, tratando-se, portanto, de um conceito não finalizado. Vem sendo percebido como uma expansão na forma de pensar do sujeito que deixa o lar, confrontando-se com uma diversidade cultural e, por fim, produzindo uma cultura autônoma. Por isso, cabe ponderar sobre que tipo de sujeito e obra literária surge na diáspora. No contexto das considerações feitas por Edward Said é possível entender um pouco mais a respeito da significação do exílio, pois o teórico aborda os efeitos produzidos pelo deslocamento. Para ele, o exílio revela sentimentos avassaladores, que jamais serão suplantados e que somente adquirem certo romantismo na ficção:

O exílio nos compele a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e o lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais poderá ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos e românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços de superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (2003, p. 46).

A diáspora promove a reflexão do sujeito sobre a terra natal e o local do exílio, pois apesar de, na maioria das vezes, a saída do lar ocorrer por opção do indivíduo, ela vem seguida de algum tipo de perda. Esta pode abranger a ausência de familiares e amigos e, assim, provocar no sujeito a saída da zona de conforto. Dessa forma, o indivíduo que antes possuía uma solidez no modo de pensar e atuar começa a passar por um processo de modificações internas que fazem aflorar sentimentos ambíguos.

O imigrante encontra-se em um ambiente desconhecido, por isso, geralmente, sente-se fragilizado, ansioso e com medo da separação diante da terra natal. Devido aos traumas originados pela ruptura com as raízes, o indivíduo tem uma grande dificuldade em adaptar-se ao exílio e é por essa dificuldade de entregar-se ao país desconhecido que ocorrerá a fragmentação do sujeito. A dicotomia que ocorre entre permanecer no lar e deslocar-se em

direção ao exílio contribui, desse modo, para que o indivíduo passe por uma crise de identidade.

As observações de Said em relação ao exílio não somente levam a pensar nos efeitos causados no sujeito comum, mas também na consideração do tipo de obra literária produzida por escritores diaspóricos. Com efeito, não há como negar a existência de um grande número de escritores vivendo em diferentes países a fim de escrever; ou ainda de tantos outros, que criaram suas obras durante um exílio forçado. Em virtude dessa expansão cultural, o teórico também passa a referir-se aos traumas do exílio descritos numa literatura que expressa um sofrimento interno. O pensador admite que grande parte dos acadêmicos dos Estados Unidos são refugiados, os quais estão criando uma estética literária própria da diáspora:

Nos Estados Unidos, o pensamento acadêmico, intelectual e estético é o que é hoje graças aos refugiados do fascismo, do comunismo e de outros regimes dados a oprimir e expulsar os dissidentes. O crítico Georg Steiner chegou a propor a tese de que todo um gênero da literatura ocidental do século XX é “extraterritorial”, uma literatura feita por exilados e sobre exilados, símbolo da era do refugiado (2003, p. 46-47).

Said traz à tona a situação emocional do poeta no exílio. Segundo ele, torna-se evidente que os sentimentos ambíguos em função do afastamento da terra natal refletirão tanto na atuação do sujeito quanto na sua escrita. A respeito da ambivalência encontrada no poeta imigrante e em sua poesia produzida durante o exílio, Said menciona: “Ver um poeta no exílio – ao contrário de ler a poesia do exílio – é ver as antinomias do exílio encarnadas e suportadas com uma intensidade sem par” (2003, p. 47).

O escritor que vive a experiência do exílio tenta, muitas vezes, suportar a falta de suas raízes; entretanto, nem sempre isso é possível. Enquanto as experiências do sujeito são dolorosas, sua poesia reflete o desejo do retorno, o saudosismo e a idealização da terra natal. O teórico faz referência a um poeta curdo contemporâneo, exilado em Beirute, mas que nunca se adaptou a tal situação. Segundo Said, “Somente uma vez, quando Eqbal, um amigo paquistanês e colega de exílio, foi a Beirute, Faiz deu a impressão de superar seu sentimento de alienação constante” (2003, p. 48). Faiz acabou morrendo e, por fim, foi sepultado em Israel.

As exposições feitas por Said em relação aos autores e suas obras revelam os traumas de não pertencimento. Ainda que o sujeito se esforce para fazer parte do exílio e que consiga produzir excelentes obras, dificilmente sua escrita estará isenta dos traumas por que passou. Assim, a pátria inatingível torna-se produto de um imaginário acolhedor. Exemplo de escritor

que viveu a experiência da diáspora pode ser visto no colombiano Santiago Gamboa que, em muitas de suas entrevistas, relatou as dificuldades de estar sozinho em terra estrangeira.

A obra de Gamboa intitulada *A síndrome de Ulisses* foi escrita no exílio e tem como personagem um jovem colombiano que também se afasta do lar para escrever seu romance. Embora haja algumas semelhanças entre Gamboa e seu personagem, o romancista esclarece que sua obra não é autobiográfica. Além disso, sua experiência em muito se assemelha à situação do escritor Faiz, mencionado por Said. A diáspora reflete em ambos os escritores sentimentos de nostalgia em relação à perda da identidade.

O romance de Gamboa tem como ambiente Paris, a qual recebe imigrantes de diferentes localidades. Alguns personagens nele contidos vêm à Paris seduzidos pela beleza da cidade. Outros a elegem por não terem tido uma boa chance de vida em seus países. Outros são poetas que escolheram o exílio como lugar apropriado para escrever suas poesias. O ponto comum entre esses personagens e as considerações de Said está nos constantes desencontros com sua identidade e com o próprio exílio. As fraturas promovidas pela migração são reveladas especialmente pelos escritores e poetas, que possuem um discurso de lamento ao escreverem suas narrativas ou declamarem suas poesias.

A cidade de Paris, por ser um lugar de grande beleza torna-se desejo de morada de muitos imigrantes. Entretanto, a realidade dos que optaram por exilarem-se na referida cidade não corresponde à imagem idealizada do exílio. Para Said, a cidade de Paris, por ser famosa, é um dos lugares mais procurados pelos imigrantes, mas o teórico discute também o lado nebuloso da Cidade Luz:

Paris pode ser a capital famosa dos exilados cosmopolitas, mas é uma cidade em que homens e mulheres desconhecidos passam anos de solidão miserável: vietnamitas, argelinos, cambojanos, libaneses, senegaleses, peruanos (2003, p.49).

Em um contexto de perdas e desenganos, até a idealizada Paris pode não ser o lugar de exílio ideal. Apesar de a referida cidade constituir o desejo de consumo de vários imigrantes, na maioria das vezes, ela mostra-se indiferente ao exilado pobre. A afirmação de Said comparte com o enredo do romance de Gamboa, pois o autor traz aos leitores as mazelas de um sujeito pós-moderno que entra em um conflito identitário devido ao seu desencontro com a cidade desejada. A fim de não sucumbir ao retorno prematuro à pátria, o personagem passa a abrir-se para novas possibilidades de sobrevivência, intensificando o contato com outras

culturas. Assim, com vistas a permanecer no exílio, o sujeito terá que fazer uma viagem interna para poder redescobrir-se, deixando para trás os traços de sua antiga personalidade, a fim de adaptar-se ao novo modo de vida.

O romance situa-se numa época em que tudo é passível de mudança. A relação entre indivíduo e a terra natal é substituída por intermináveis viagens que agora fazem parte do cotidiano do sujeito contemporâneo. Tais mudanças ocorrem tanto nas relações pátria e sujeito, quanto nos conceitos de família, religiosidade, educação e sexualidade, temas que compõem o enredo de *A síndrome de Ulisses*. O romance apresenta as relações de amizades desenvolvidas no exílio, as quais servem de âncora para que o sujeito dribles a sua insegurança. A necessidade de companheirismo entre os imigrantes promove diversas alianças entre sujeitos de diferentes culturas e níveis sociais.

No romance *A síndrome de Ulisses*, o que menos importa é o meio social de cada indivíduo ou a nacionalidade. As relações de cumplicidade se estabelecem porque, no exílio, todos os indivíduos compartilham o sentimento de solidão. Segundo Homi Bhabha, as culturas são negociadas através de comunidades diaspóricas e, nas referidas comunidades, a subjetividade do sujeito passa para um segundo plano:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entrelugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular – ou coletiva que dão lugar a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (2010, p. 20).

O que tem mudado na relação entre sujeito e diáspora está no fato de os indivíduos transcenderem as suas narrativas subjetivas para se atrelarem a outras, construídas dentro do exílio. O contexto de diáspora torna-se diferente à medida que se criam comunidades reveladoras de novas identidades. A necessidade de vincular-se à outra identidade ocorre com o objetivo de o sujeito encontrar um lugar para si no país estrangeiro. Bhabha argumenta que a necessidade de preservação faz com que diferentes raças, etnias e culturas se unam para manterem-se fortes. Essa união é mais do que uma estratégia de sobrevivência: ela reflete a consciência de que as diferenças existem, mas que, em determinados momentos, as contingências transcendem as convicções pré-estabelecidas:

Na esteira do caso de *Os Versos Satânicos* na Grã-Bretanha, feministas negras e irlandesas, apesar de suas constituições diferentes, uniram-se em causa comum contra a “racialização da religião” como o discurso dominante através do qual o Estado

representa os conflitos e lutas delas, por mais seculares ou mesmo “sexuais” que eles sejam (2010, p. 20).

À medida que as classes menos favorecidas se deparam com os problemas de preconceito, elas abandonam as diferenças culturais, unindo-se através de um discurso homogêneo. Na ficção de Santiago Gamboa, acontece o mesmo fato, pois os exilados unem-se para superar as crises advindas da diáspora e relegam a um segundo plano as diferenças culturais. A cultura, apesar de não desaparecer, não interfere nas relações entre os sujeitos. De acordo com Bhabha, os sujeitos diaspóricos passam a viver no “além”, já que renegociam as diferenças culturais no presente:

Estar no “além”, portanto, é habitar num espaço intermédio, como qualquer dicionário lhe dirá. Mas residir “no além” é ainda como demonstrei, ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescobrir nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunalidade humana, histórica; *tocar o futuro em seu lado de cá* (2010, p. 27).

Viver no “além” é interferir no presente; por isso, antes de pensar na diversidade cultural, faz-se imprescindível resolver humanisticamente as diferenças na fronteira sem a polarização. Com efeito, residir na diáspora representa não só o descontentamento, mas a tentativa de comunhão entre culturas diferentes. Já que o sujeito se depara com um meio que não lhe pertence, faz-se necessário a construção de uma estrutura que ultrapasse as barreiras culturais.

Conforme já observado, a diáspora ganhou um conceito, mais amplo, ao passo que a sociedade foi estabelecendo novas perspectivas em função da necessidade de globalizar-se. Dessa forma, a mídia, como parte do fenômeno global, tem atuado a favor da formação de indivíduos viajantes e, portanto, diaspóricos. Eles não possuem mais endereço fixo: hoje estão aqui e o amanhã pode ser incerto. O sujeito pertence ao mundo, por isso as relações com suas origens mostram-se desgastadas. Em realidade, é mais fácil relacionar o indivíduo ao global do que ao regional. Em contraponto, se o sujeito recusa-se a sair do territorial, passa a ser rotulado como alguém desafortunado culturalmente. É nesse ponto que o romance de Gamboa mostra-se tão atual, pois seus personagens possuem a necessidade de se deslocarem, deixando para trás as tradições culturais. Entretanto, deixar a pátria e transitar por novas culturas, apesar de parecer sedutor, provoca traumas que transformarão a identidade do sujeito.

Contudo, para que se tenha um maior esclarecimento em relação ao aumento da migração na contemporaneidade, é preciso pensar em como os tipos de sociedades influenciam nas atitudes do sujeito. É sabido que a sociedade sempre padronizou a formação das comunidades,

produzindo diretrizes para que os cidadãos seguissem. Zygmunt Bauman traz significativas contribuições para a discussão da diáspora contemporânea, ao caracterizar a sociedade moderna e a pós-moderna. Segundo Bauman, a sociedade moderna, por exemplo, era caracterizada pelo avanço no modo de produção. Os trabalhadores produziam em massa bens de consumo, mas os consumidores somente compravam o que era realmente necessário.

Com as inovações no sistema global, o sujeito passa a viver sob as normas advindas de uma sociedade pós-moderna, na qual ainda se mantém o modo de produção; contudo, a atitude do consumidor muda, pois tudo o que o sujeito mais deseja é adquirir bens. Bauman afirma que a diferença entre a sociedade moderna e a pós-moderna reside na importância que a sociedade atual dispensa ao consumismo:

Naturalmente, a diferença entre viver na nossa sociedade ou na sociedade que imediatamente a antecedeu não é tão radical quanto abandonar um papel e assumir outro. Em nenhum de seus dois estágios a sociedade moderna pôde passar sem que seus membros produzissem coisas para consumir – e, é claro, membros das duas sociedades consomem. A diferença entre os dois estágios da modernidade é “apenas” de ênfase e prioridades – mas essa mudança de ênfase faz uma enorme diferença em praticamente todos os aspectos da sociedade, da cultura e da vida individual (1999, p.88).

Baseado nas considerações de Bauman, torna-se possível observar que o sujeito contemporâneo está inserido em uma sociedade que o leva a consumir com mais frequência. Assim, os sujeitos são provocados pela mídia a se desinteressarem quase que imediatamente pelos bens de consumo que adquirem, seja este um imóvel, um carro ou uma roupa. A marca da sociedade pós-moderna é o desejo de satisfação imediata, seguido da efemeridade dessa satisfação. Por isso, as indústrias estão sempre trabalhando para que o sujeito se sinta seduzido a comprar:

Para abrir caminho na mata densa, escura, espalhada e “desregulamentada” da competitividade global e chegar à ribalta da atenção pública, os bens, serviços e sinais devem despertar desejo e, para isso, devem seduzir os possíveis consumidores e afastar seus competidores. Mas assim que conseguirem, devem abrir espaço rapidamente para outros objetos de desejo, do contrário a caça global de lucros e mais lucros (rebatizada de “crescimento econômico”) irá parar. A indústria atual funciona cada vez mais para a produção de atrações e tentações (1999, p. 86).

O desejo de consumo não fica restrito à compra de móveis ou eletroeletrônicos, pois há também, atualmente, o crescimento do comércio turístico. Os consumidores são seduzidos a fazer inúmeras viagens como um caminho para a satisfação pessoal. Contudo, não contentes

em apenas conhecer lugares diferentes, os sujeitos têm se deslocado permanentemente de seu país de origem a fim de conviver com outras culturas. Ainda assim, muitas vezes não se tornam realizados, pois, ao deixarem o lar, idealizam uma vida perfeita no exterior, nem sempre é encontrada. A insatisfação do sujeito pós-moderno é projetada pelo protagonista de *A síndrome de Ulisses* que, ao chegar a Paris, experimenta o desencontro com a cidade tão sonhada.

Para Bauman, o desejo desmedido de consumir sensações faz com que o sujeito a cada dia se afaste mais do lar. Assim, viver em um sistema globalizado é estar a todo o momento em movimento. Ainda que o sujeito pense estar enraizado em sua terra, os meios de comunicação e a rede mundial de computadores transportam o indivíduo para qualquer parte do mundo. De acordo com Bauman, o sujeito não tem opção, uma vez que ele está sempre em movimento:

Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança (1999, p. 8).

Bauman considera que a locomoção do sujeito, seja ela física ou virtual, faz parte da realidade do indivíduo contemporâneo. Mas o teórico também faz importantes observações no que se refere às consequências desses deslocamentos na identidade do sujeito. Por isso, o estudioso passa a definir as sensações causadas pelas diferenças entre próximo e longe:

Próximo, acessível é, primariamente, o que é usual, familiar e conhecido até a obviedade, algo ou alguém que se vê, que se encontra, com que se lida ou interage diariamente, entrelaçado à rotina e atividades cotidianas. “Próximo” é um espaço dentro do qual a pessoa pode-se sentir *chez soi*, à vontade, um espaço no qual raramente, se é que alguma vez, a gente se sente perdido, sem saber o que dizer ou fazer (1999, p. 20).

Estar próximo significa viver relativamente sem ansiedades, já que o ambiente é conhecido e as atividades, rotineiras. O sujeito que permanece em sua pátria possui a possibilidade de sentir-se seguro. Não há novidades em seu cotidiano; logo, não são necessárias estratégias de sobrevivência. Mas como o indivíduo tem sido impelido diariamente pelo sistema globalizado a deslocar-se, ele passa a viver longe do lar e sua situação muda totalmente:

“Longe”, por outro lado, é um espaço que se penetra apenas ocasionalmente ou nunca, no qual as coisas que acontecem não podem ser previstas ou compreendidas e diante das

quais não se saberia como reagir: um espaço que contém coisas sobre as quais pouco se sabe, das quais pouco se espera e de que não nos sentimos obrigados a cuidar. Encontrar-se num espaço “longínquo” é uma experiência enervante; aventurar-se para “longe” significa estar além do próprio alcance, deslocado, fora do próprio elemento, atraindo problemas e temendo o perigo (1999, p. 20).

Conforme as palavras de Bauman, estar longe do lar é perder a referência, pois o deslocamento comporta uma série de mudanças nos hábitos, na cultura e, conseqüentemente, na identidade do sujeito. E essa dicotomia próximo e longe define muito bem a situação desafortunada em que se encontra o personagem de *A síndrome de Ulisses*. Ele entrará em sucessivos conflitos à medida que se distancia da terra natal e se desencontra da Paris desejada.

Entre os conflitos citados, pode-se destacar a dúvida de conseguir tornar-se um escritor; a incerteza dos seus sentimentos amorosos, divididos entre duas mulheres, e a pobreza financeira. Dessa forma, o desejo de chegar ao exterior, após consumado, não terá mais valia e a decepção de não realizar-se imediatamente será a causa da grande crise identitária.

As aventuras vividas pelos imigrantes não possuem qualquer tipo de garantias, e o não pertencimento traz a problemática das incertezas. Devido a isso, geralmente ocorre a fragmentação na identidade do sujeito. O indivíduo, ao encontrar-se sem a segurança do lar inicia, como bem mostra Bauman, uma estratégia de sobrevivência:

[...] a oposição “longe-perto” tem mais uma dimensão crucial: aquela entre a certeza e a incerteza, a autoconfiança e a hesitação. Estar “longe” significa estar com problemas – o que exige esperteza, astúcia, manha, ou coragem, o aprendizado de regras estranhas que se podem dispensar alhures e o seu domínio sob desafios arriscados e cometendo erros que muitas vezes custam caro (1999, p. 20-21).

A fim de sobreviver ao exílio, o personagem de Gamboa terá que usar de estratégias para enfrentar as conseqüências de estar longe de casa. Se a tranquilidade do lar libera as emoções, conferindo ao sujeito o direito de fazer escolhas simples, sem racionalizar muito os seus atos, estar longe significa agir com estratégia. Diferentemente do indivíduo que está em casa, o imigrante precisa fazer escolhas certas, já que elas podem definir sua permanência no exílio.

Por fim, a liberdade de locomoção conjugada ao desejo de consumir culturas diferentes é bastante paradoxal: o sujeito, aparentemente é autônomo, torna-se escravo de um universo globalizado que o impele a deslocar-se para não perder seu lugar no mundo. Sem saber a direção exata a tomar, o exilado percorre caminhos tortuosos antes de chegar ao seu objetivo. Devido a isso, nem sempre o indivíduo consegue visualizar a terra dos sonhos, ainda que,



territorialmente, já esteja nela. Assim, a situação de desencontro com a cidade de Paris, como também os conflitos amorosos, a perda e a reconstrução da identidade do sujeito diaspórico através do “outro” são temas recorrentes no romance *A síndrome de Ulisses*.

## 1.2 A DIÁSPORA NA OBRA *A SÍNDROME DE ULISSES*

O romance *A síndrome de Ulisses* foi produzido dentro de uma perspectiva pós-moderna e descreve a trajetória migrante de sujeitos que enfrentam as fraturas emocionais advindas da diáspora. Os temas recorrentes do referido romance são o desencontro com o exílio idealizado, os conflitos amorosos, a crise identitária e a sua recuperação através do convívio com o “outro”. *A síndrome de Ulisses* tem por autor Santiago Gamboa, escritor colombiano, nascido na cidade de Bogotá.

Além de *A síndrome de Ulisses*, Gamboa possui outras obras. O ano de 1995 é marcado pela publicação de seu primeiro livro, *Páginas de vuelta*, bastante aclamado pela crítica. Dois anos mais tarde, publica *Perder es cuestión del método*, volume reconhecido pela crítica internacional e traduzido para diversos idiomas. No ano de 2000, o público leitor recebe a obra *Vida feliz de un joven llamado Esteban*, também reconhecida internacionalmente. No ano seguinte, publica o livro de viagens *Octubre en Pekin e*, em 2002, surge *Los impostores*. Em 2009 lança *Necrópolis*.

O romance *A síndrome de Ulisses* (2005) expressa as atitudes de sujeitos dispostos a enfrentar os desafios do exílio e é escrito por um autor que também vive distante de seu país. De forma análoga ao protagonista do romance, Gamboa tem sua vida repleta de experiências híbridas, visto ter estudado literatura na Universidade Javeriana, na Colômbia e, mais tarde, ter mudado-se para a Espanha, onde se licenciou em Filologia Hispânica pela Universidade Complutense de Madrid. Em 1990, foi para Paris e estudou literatura cubana na Universidade de Sorbonne. Durante sua permanência em Paris, tornou-se jornalista. Seu primeiro trabalho foi na agência de informações France Presse e, depois, trabalhou na Rádio Francia International. Em 1993, atuou como correspondente do jornal *El Tiempo*, colunista na revista *Cromos* e repórter na revista *Cambio*.

O ficcionista é um escritor em trânsito cultural, que faz uso de sua experiência diaspórica para explorar o cotidiano de exilados, com seus ideais e contingências. Dessa forma, o

romance de Gamboa não foge das consequências da globalização; ao contrário, aborda os conflitos existentes na diáspora. No entender de Edwin Muir, o que o romancista faz é contar relatos da vida:

Para ter em mente o romance a primeira coisa que se deve fazer é aceitar (isto é, esquecer) coisas tais como: o romance é sobre a vida e vida tem um padrão. Afinal de contas, o fato de que o romancista escreva sobre a vida não é assim tão extraordinário: é a única coisa de que ele tem algum conhecimento (1928, p.3).

As observações de Muir envolvendo a relação entre vida real e ficção parece ainda ser motivo de polêmica, pois os jornalistas que entrevistam Gamboa dão grande relevância às semelhanças entre o enredo de *A síndrome de Ulisses* e a sua biografia. Assim, diversas vezes o escritor terá que explicar como ocorreu a produção de sua obra.

Não há como desconsiderar que a vida de Gamboa se assemelha muito ao referido romance, pois o autor possui experiências similares às vivenciadas por suas personagens. Contudo, não se está afirmando que *A síndrome de Ulisses* se trate de uma autobiografia. O autor, ao escrever o referido romance, caracteriza o seu tempo, expondo a sociedade contemporânea. Para Afrânio Coutinho, um romance é uma representação da realidade, mas não a própria realidade:

Em primeiro lugar, a ficção distingue-se da história e da biografia nisso que elas são narrativas dominadas por fatos reais. A ficção, mesmo quando recebe sugestões do real, não tem por obrigação copiá-las, reproduzi-las fielmente. Não há dúvida que a ficção tem raízes na experiência humana. Mas o que as distingue das outras formas é que ela é uma transmutação ou transfiguração da realidade. Ela impõe um molde à massa da experiência. Ela seleciona, omite, arruma os dados da experiência em ordem a fazer surgir um plano novo, de acordo com a interpretação que o artista faz da realidade (2008, p. 51).

Apesar das declarações de Coutinho, relacionadas à diferença entre realidade e ficção, algumas entrevistas<sup>1</sup> trabalham com a dúvida a respeito de as obras de Gamboa serem autobiográficas ou de ele se identificar com algum personagem. A primeira consideração relativa à ficção de Santiago é de Sergio Villamizar, que começa a entrevista de maneira simples, perguntando o seguinte: Por que síndrome de Ulises?<sup>2</sup>. Com tal questionamento, acerca do título do romance, Villamizar propõe-se chegar à possível autobiografia do autor.

<sup>1</sup> Não foram encontradas as datas de todas as entrevistas.

<sup>2</sup> ¿Por qué el síndrome de Ulises?

Em resposta à pergunta de Villamizar, Gamboa não esconde o fato de ter vivido experiências semelhantes à dos seus personagens e admite que ele mesmo foi um dos que sofreu os sintomas da enfermidade dos imigrantes, denominada “Síndrome de Ulisses”. O nome dado à referida doença torna-se bastante apropriado por refletir os medos do exílio<sup>3</sup>:

Para mim foi uma coisa mágica ler sobre a síndrome de Ulisses, a descrição dessa enfermidade de imediato me retornou a minha vida em Paris. Eu lia cada um dos sintomas da dita enfermidade e era como se visse um álbum de fotografias de cada um dos primeiros anos de minha experiência na cidade francesa.

Por isso me decidi por este título, porque creio que é o centro de todas as demais histórias que apresento no romance. É como a quinta essência, com essa sensação de baixa estima, de medo, de fome, de precariedade total, o que isso produz fisicamente, como é a desidratação e má alimentação.

Eu não passei por todas essas más experiências, eu era um privilegiado que tinha documentos legais, porém muitos dos que me acompanharam passaram por isso.

Na continuidade da entrevista, Villamizar mostra interesse sobre o enredo do romance e pergunta: Como nasceu a ideia?<sup>4</sup> A resposta do autor é muito objetiva, pois ele afirma que a narrativa comporta as suas experiências e as de outras pessoas que ele conheceu no exílio<sup>5</sup>:

Eu vivi em Paris 7 anos, de 1990 a 1997, as experiências desses anos, em parte, unidas com outras que vi de estrangeiros nessa cidade estão nesse romance.

Apesar de Santiago Gamboa usar algumas de suas referências relacionadas à diáspora, o autor não trata sua obra como autobiográfica: ele apenas coloca na ficção um tanto de experiências reais. Assim, a resposta de Gamboa a Villamizar corrobora a teoria de Afrânio Coutinho a respeito do propósito de a ficção tentar representar a realidade:

O seu sentido não é o da realidade mesma, porém aquele que o artista lhe imprime, a luz de sua visão. O mundo da ficção é imaginado, é um mundo imaginado, é um mundo ordenado pela imaginação criadora, não é um mundo da realidade. Seu propósito não é fornecer uma fotografia da realidade, mas, por meios artísticos, criar uma ilusão da

---

<sup>3</sup> Para mí fue mágico leer sobre el síndrome de Ulises, la descripción de esa enfermedad de inmediato me retornó a mi vida en París. Yo leía cada uno de los síntomas de dicha enfermedad y era como si viera un álbum de fotografías de cada uno de los primeros años de mi experiencia en la ciudad francesa. Por eso me decidí por ese título, porque creo que es el centro de todas las demás historias que presento en la novela. Es como la quinta esencia, con esa sensación de baja estima, de miedo, de hambre, de precariedad total lo que eso produce físicamente, como es la deshidratación y la mala alimentación. Eso yo viví todo en mí, yo era un privilegiado que tenía documentos legales, sino en muchas personas que estaban conmigo.

<sup>4</sup> ¿Cómo nació la idea?

<sup>5</sup> "Yo viví en París siete años, de 1990 a 1997, las experiencias de esos años, en parte, unidas con otras que vi de extranjeros en esta ciudad, están en esta novela.

realidade. Seu objetivo principal é proporcionar essa interpretação artística da realidade. Ao lado da qual, propósitos secundários a situam como entretenimento, passatempo, estímulo, instrução, pregação (2008, p. 51).

Outras questões são abordadas por Sergio Villamizar: Não é tão real o sonho de viajar a um país desenvolvido em busca de um futuro melhor?<sup>6</sup> O entrevistador refere-se à ideia vendida pela mídia de que a vida nos países do Primeiro Mundo é satisfatória no âmbito financeiro. A esse respeito, Santiago Gamboa observa que a segurança, no exílio, depende da situação financeira de cada pessoa. Algumas terão experiências mais leves, enquanto outras, nem tanto; *A síndrome de Ulisses* tem personagens que fazem parte de universos desiguais; por isso, para determinados personagens, a diáspora é sinônimo de aprendizado, ao passo que, para outros, traz um sentimento de desilusão<sup>7</sup>:

Não, o que passa é que cada pessoa o vive de um modo diferente. As pessoas que têm dinheiro vivem na Europa e encontram a Paris que sempre hão vendido. As pessoas que chegam a buscar dinheiro não veem essa cidade, de fato os personagens sempre falam dessa cidade que não puderam chegar, apesar de estarem ali.

Para o jornalista, o contato entre ficção e realidade é um fator relevante; daí a querer saber sobre a relação entre a vida de Gamboa e a ficção<sup>8</sup>. O escritor sempre trata o referido tema com simplicidade, já que, para ele, é natural trazer suas experiências para dentro do romance. O ficcionista diz ao jornalista que o objetivo de sua escrita não é narrar a própria vida, visto que apenas utiliza algumas situações por ele vivenciadas para enriquecer o romance<sup>9</sup>:

Está em primeira pessoa, que vai narrando uma série de coisas que tem a ver com minha vida, mas não as narro com o desejo de contar minhas experiências nessa cidade. Eu queria fazer um romance, e para isso utilizei minhas experiências, e essa primeira

---

<sup>6</sup> ¿No es tan real el sueño de viajar a un país desarrollado en busca de un mejor futuro?

<sup>7</sup> No, lo que pasa es que cada persona lo vive de un modo diferente. Las personas que tienen dinero, viven en la Europa encuentran a Paris que siempre han vendido. Las personas que llegan a buscar dinero no ven esa ciudad, de hecho los personajes siempre hablan de esa ciudad que no pudieran llegar, a pesar que estén allí.

<sup>8</sup> Para el periodista el contacto entre ficción y realidad es un hecho relevante, por eso quiere él saber se hay una relación entre la ficción y la vida de Gamboa.

<sup>9</sup> Está en primera persona, que va narrando una serie de cuestiones que tiene que ver con mi vida, pero no las narro con el deseo de contar mis experiencias en esa ciudad. Yo quería hacer una novela, y para eso utilicé mis experiencias, e esa primera persona da siempre esa sensación, que el autor está representando exactamente su vida como supuestamente pasó y eso da fuerza al realismo.

pessoa dá sempre essa sensação, que o autor está representando exatamente sua vida como supostamente passou e isso dá força ao realismo.

O autor não se mostra preocupado com a questão autobiográfica. Para ele, o conhecimento de mundo torna-se um fator positivo na composição de seus personagens. O romance traz as experiências de imigrantes das mais variadas nacionalidades, pautando-se nas negociações culturais e na união das minorias. Assim, no decorrer da leitura de *A síndrome de Ulisses*, observa-se a difícil situação de Susi em sua condição de imigrante ilegal e os problemas sofridos por Saskia, que se entrega às drogas ao saber da morte de seu pai. O romance apresenta também o personagem Jung, que sofre da síndrome do imigrante ilegal. Somado a tais problemáticas, há também o medo espelhado nos olhos de Nestor e a própria fragmentação identitária de Esteban, para se mencionar apenas algumas dificuldades desenvolvidas e reafirmadas durante a diáspora.

Para Gamboa, falar de uma Paris triste e fria é derrubar um mito, já que a cidade é reconhecida por sua beleza. Não obstante, a frieza está vinculada ao sentimento de fragilidade do sujeito. Ademais, o romance também comporta a presença de Paula, uma turista colombiana, o ir e vir de Victoria, ex-namorada de Esteban, a altivez da francesa Sabrina e a luta de Susi para permanecer no exílio. As quatro personagens possuem uma relação direta com a visão de Esteban sobre o exílio.

A diáspora tem uma representação marcante no romance e na vida de Gamboa e ainda possui domínio sobre todo aquele que a vive. A diáspora gera traumas que jamais serão superados, demonstrando que os problemas vividos são o princípio das modificações na personalidade do sujeito.

A situação da migração referida em *A Síndrome de Ulisses* revela o pensamento de Gamboa a respeito do tema. Eis a questão abordada por María Campaña Ramia, que entrevista o autor para o portal de cultura latino-americana *Latineos*, na Inglaterra, em abril de 2010, via correio eletrônico e *skype*. Gamboa diz a ela que viajar é importante para se sentir vivo e compara a situação à arte de fazer literatura. Para o escritor, é a partir desse de ir e vir, ou seja, é pelo constante deslocamento entre diferentes países que o sujeito começa o processo de autoconhecimento. A ideia de distanciamento está presente na vida de Gamboa da mesma forma que nos personagens de *A Síndrome de Ulisses*. Os imigrantes que integram a narrativa migraram com o objetivo de mudar seu modo de vida, seja em termos econômicos, seja em relação à interioridade.

Ramía destaca o fato de que as histórias de Gamboa se parecem muito com as ocorridas na vida do autor, dizendo: “Teus romances apelam muito para tuas próprias experiências. Seria um erro fazer uma relação entre Esteban (o personagem principal e narrador de *Vida feliz de um jovem chamado Esteban* e de *A síndrome de Ulisses*) e a tua pessoa<sup>10</sup>”, ao que Gamboa responde <sup>11</sup>: “*A síndrome de Ulisses* se refere muito a minha própria experiência. Costumo dizer que o autobiográfico desse é sobretudo os episódios tristes”. Ainda se referindo às próprias experiências em Paris, o autor afirma<sup>12</sup>:

Em Paris vivi experiências durísimas que me marcaram. Conheci a absoluta pobreza. O que o romance retrata é diretamente extraído de minha própria experiência. Eu em Paris vivi de todos os modos. Fui pobre, mas também fui rico nessa época, e não me sentia bem de nenhuma das duas maneiras. Fui jornalista, correspondente, enfim. Tive cargos importantes e nunca me senti bem.

Gamboa coloca que a situação de angústia nem sempre foi motivada por problemas financeiros. Muitas vezes, as tristezas no exílio podem ter causas antigas, trazidas de casa, mas que se intensificam pelo afastamento da terra natal. A angústia, referida por Gamboa, somada à solidão no exílio, pode ocasionar a desconstrução da identidade do sujeito.

A busca por uma vida melhor é uma constante no referido romance. As personagens que se prostituem no exílio são mulheres com uma profissão em sua terra natal, mas que, por não terem condições de sobreviver com os baixos salários, acabam optando por viver em Paris. Essa é a primeira questão abordada por Adriana Cortés, ao entrevistar Santiago Gamboa para a revista *La jornada semanal*. Cortés situa suas considerações em função da migração de sujeitos do Terceiro Mundo que entram no Primeiro Mundo “pela porta de trás”. Cortés pergunta: Por que abordas em teus romances o tema de os imigrantes do Terceiro Mundo que chegam ao Primeiro “pela porta de trás”, conforme diz o narrador em a *Síndrome de Ulises*<sup>13</sup>?

---

<sup>10</sup> Tus novelas apelan mucho para tus propias experiencias ¿Sería un error hacer una relación entre Esteban (el personaje principal y narrador de *Vida feliz de un joven llamado Esteban* e de *El síndrome de Ulises*) con tu propia persona?

<sup>11</sup> *El síndrome de Ulises* es muy referencial de mi propia experiencia. Suelo decir que lo biográfico de ese libro es sobre todo los episodios tristes.

<sup>12</sup> En París viví experiencias durísimas que me marcaron. Conocí la absoluta pobreza. Lo que la novela retrata es directamente extraído de mi propia experiencia. Yo en París viví de todos los modos. Fui pobre pero también fui rico en esa época, y no me sentía bien de ninguna de las dos maneras. Fui periodista, corresponsal, en fin. Tuve cargos importantes y nunca me sentí bien.

<sup>13</sup> ¿Por qué abordas en tu novela el tema de los inmigrantes del Tercero Mundo que llegan al Primero “por la puerta tras” como dice el narrador en *El síndrome de Ulises*?

Para Santiago Gamboa, os imigrantes atuais enfrentam os mesmos perigos que Ulisses atravessou no passado. Os exilados também possuem objetivos semelhantes aos do personagem de Homero, à medida que somente desejam proteger seus familiares<sup>14</sup>.

Creio que eles são Ulisses dos séculos XX e XXI. São os grandes aventureiros que lutam contra Poliferno e Circe. Vejo neles uma grande aventura. Fazem tudo que todo homem de bem tem feito desde o início da história: tratar de melhorar a vida dos seus.

Os Ulisses contemporâneos de Santiago Gamboa estão em busca de uma vida melhor para os seus familiares. São pessoas lutadoras, verdadeiros heróis. Por isso, o autor aborda o tema da prostituição com naturalidade. Suas personagens são conscientes de tal situação perante a sociedade, mas não se sentem incomodadas, pois tratam do assunto com profissionalismo. Vender o corpo é somente uma forma de trabalho que garante a alimentação de seus familiares deixados na terra natal. Os personagens de Gamboa pertencem a esse contexto de enfrentamento diário com o perigo e a nostalgia e, assim, se tornam os Ulisses atuais.

Além das fraturas emocionais ocorridas no romance, há também a questão do sexo, muito presente na vivência da maioria dos personagens. As relações sexuais aparecem como generosidade, autoconhecimento e domínio. Esse tema também serve de referência para a entrevista realizada por Adriana Cortés, que pergunta: Por que tanto sexo em seus romances? Tens uma intenção metafísica? Ou responde a fins comerciais<sup>15</sup>?

Porque o sexo é importante para os meus personagens. Na realidade é importante para todo mundo. Por certo: não creio que um livro com sexo se venda mais, a não ser que se trate de um livro onde só haja sexo. Creio, modestamente, que meus livros não pertencem a essa categoria.

Ainda que Gamboa não tenha como intenção destacar o tema sexual, percebe-se que o erotismo está muito presente em *A síndrome de Ulisses*, caminhando junto com as transformações sofridas pelos imigrantes. O comportamento sexual tem, a princípio, uma forma quase generosa, por vezes, adentrando no âmbito da gratidão. Entretanto, chega o momento em que a sexualidade toma uma proporção que abrange as atitudes do sujeito em

<sup>14</sup> Creo que ellos son los Ulises del siglo XX y XXI. Son los grandes aventureros, los que luchan contra Polifemo y Circe. Veo en ellos una gran aventura humana. Hacen lo que todo hombre de bien ha hecho siempre desde el inicio de la historia: tratar de mejorar las condiciones de vida de los suyos.

<sup>15</sup> ¿Por qué tanto sexo en sus novelas? ¿Tiene un trasfondo metafísico? ¿O responde a fines comerciales?

relação à maneira de enxergar a sua condição de exilado e à produção de um “eu” mais autônomo.

Os seus personagens, na condição de almas errantes que experimentam carências as mais diversas, mas sempre tentando oportunidades melhores, é o tema destacado no trabalho de Catalina García García-Herreros<sup>16</sup>, intitulado *Personagens que viajam: uma tipologia do deslocamento global na narrativa de Santiago Gamboa*. Catalina García aborda o deslocamento físico, mas sem esquecer que, em alguns casos, são os processos psicológicos os desencadeadores do trânsito de seus personagens. Conforme García, os personagens de Gamboa estão sempre em fuga e, por isso, submetidos à vulnerabilidade psicológica.

Muitos saem de seu país de origem realmente fugindo, como no caso de Rafael e Luz Amparo, dois refugiados políticos cuja maior fratura emocional corresponde ao fato de não poderem voltar à Colômbia. Apesar de os referidos personagens terem uma vida favorável em Paris, tal condição não compensava o distanciamento da terra natal. Assim, a fim de relembrar com nostalgia o lar e discutir os problemas políticos da Colômbia, Rafael e Luz Amparo tinham por hábito reunirem-se com outros colombianos.

Segundo a pesquisadora em questão, a saída do lar sempre gera mudanças; uns fogem da vida precária, outros da pobreza e outros ainda, para encontrar o “eu” que estava sufocado pela família e pela cultura de sua terra. Catalina García também se pauta na ideia de mudança identitária, pois, para a estudiosa, quando o sujeito sai de seu país de origem, leva consigo a ideia de ser feliz. E, ao deparar-se com condições precárias de sobrevivência no exílio, sofre angústias que provocam uma crise identitária. García é ainda quem cita uma passagem de *A síndrome de Ulisses*, num momento em que Esteban reclama de sua pobre moradia. Segundo a autora, o lugar de residência do imigrante promove a perda da autoestima e da identidade. A atuação pessimista de Esteban confirma o argumento de Catalina, no tocante à relação entre situação financeira, autoestima e identidade.

Dessa forma, a vulnerabilidade sofrida no exílio pode ter como consequência o aparecimento de fantasmas psíquicos que, somados às adversidades econômicas, rondam a mente do sujeito. A fragilidade sofrida traz à tona o desespero do desencontro com os objetivos iniciais. O sujeito se desconhece, pois já não tem a mesma segurança de ter feito a opção certa.

---

<sup>16</sup> Universidade de Salamanca (Simposio CEISAL C/L T 1). *Uma tipologia do deslocamento global na narrativa de Santiago Gamboa*.



Outro problema a afligir Esteban é a preocupação com seus objetivos profissionais, que parecem estar se dispersando durante a caminhada diaspórica. Devido à sua desilusão com o meio acadêmico e o baixo salário, ele busca outros tipos de trabalhos para complementar sua renda de professor. O modo de vida apresentado ao personagem no exílio não corresponde à expectativa que ele tinha em relação a Paris. O trabalho intelectual não possui valorização, tema abordado na pesquisa realizada por María del Carmen Porras<sup>17</sup>, da Universidad Simón Bolívar, sob o título de *(Im)posibilidades da figura do intelectual: A síndrome de Ulisses*, de Santiago Gamboa (2008).

O referido trabalho promove uma reflexão quanto aos limites da função do intelectual numa sociedade globalizada. A autora tem por objetivo compreender a proposta de Gamboa, relativa ao sentido do profissional intelectual no contexto do universo globalizado. De acordo com Porras, a condição dos intelectuais torna-se dificultosa, visto que a influência da mídia e do mercado tenta fazer do trabalho literário cúmplice de uma sociedade capitalista. Devido a isso, a literatura de fato fica a segundo plano.

Esse tipo de conflito mostra-se presente no romance *A síndrome de Ulisses*, pois além das contingências de Esteban no meio intelectual, há também a figura de escritores como Ribeyro que, embora já consagrado, só possui uma boa situação financeira porque sua esposa é *marchand* de obras de arte. A afirmação de Ribeyro contribui para que Esteban entenda não ser ele o único a passar por dificuldades.

Apesar de o romance de Santiago Gamboa estar repleto de escritores, segundo Porras, o autor mostra uma Paris pobre em sentido intelectual, juntamente com o desinteresse pela cultura latino-americana. Devido a isso, o interesse dos países europeus pelo Terceiro Mundo reside no idioma, restando a cultura deslocada. Assim, o caminho que surge para os intelectuais é o ensino da língua espanhola a executivos de empresas francesas que pretendem trabalhar em países como o Chile e outros de mesmo idioma.

Segundo Porras, Salim, um estudante de literatura, seria o elo entre o mundo decadente dos intelectuais e os imigrantes ilegais, visto que o referido personagem transitava pelos dois ambientes. Salim mantinha esse contato entre as duas classes, pois se envolvia tanto nos problemas dos escritores quanto nos dos imigrantes ilegais. Ele relacionava cultura e sobrevivência em um mesmo plano, utilizando-se dos esgotos fétidos de Paris para suas pesquisas de doutorado. Salim conseguia reunir literatura e as experiências cotidianas dos

---

<sup>17</sup> Universidad Simón Bolívar. *(Im)posibilidades da figura do intelectual: A síndrome de Ulisses* de Santiago Gamboa (2008).

limpadores de esgotos. Porras, a seu turno, destaca a nova característica de Paris, qual seja, a de abrigar diferentes culturas:

E essa seria a segunda particularidade desta “nova” Paris: a existência de um complexo e rico mundo cultural de onde convivem sujeitos de diversas nacionalidades e culturas, unidos pela experiência do “vagabundo”, segundo as palavras de Bauman...<sup>18</sup> (2008).

Porras analisa também a dificuldade de comunicação dos intelectuais dos anos oitenta. Esse momento ocorre no romance quando Esteban se confronta com Susi, em relação ao tema da ilegalidade, ficando sem respostas para a argumentação de que ele é erudito e, portanto, sua vida é melhor. A análise de Porras em função da obra *A síndrome de Ulisses*, de Santiago Gamboa, comporta a função do intelectual em um sistema globalizado, que prioriza o poder capitalista, relegando a segundo plano a importância da literatura como arte.

Outro ponto observado por estudiosos é a frieza da sociedade parisiense, tópico abordado por Oscar Robledo Hoyos<sup>19</sup>, com o trabalho *A síndrome de Ulisses: uma viagem desde a literatura*, postado na POLIS, revista acadêmica da Universidad Bolivariana. Hoyos afirma que Gamboa revela uma Paris diferente daquela observada nos cartões-postais. Conforme o autor, o romance do escritor Santiago Gamboa é narrado no submundo de Paris, onde se misturam diferentes classes sociais, sobrevivendo através do sexo casual. A narrativa, porém, esquece a Paris dos museus, da moda e do universo elegante. Ao contrário disso, é marcada, na maior parte do tempo, pelas dificuldades vividas pelos imigrantes, entre as quais, a fome, a solidão e a frustração.

No entanto, Hoyos não aprofunda seu estudo envolvendo a relação entre os sujeitos. O estudioso deixa de analisar a importância dos contatos sexuais no romance *A síndrome de Ulisses*. Hoyos esquece que o “outro”, embora sofrendo as metamorfoses identitárias, contribuirá para a formação da identidade de seu companheiro de exílio. Entre ambos surgirá uma situação ambivalente. A troca existente entre o “eu” e o “outro”, em um ambiente fronteiro, torna-se relevante para que o sujeito resista aos traumas psicológicos experimentados na diáspora. Essa troca pode assumir muitas formas, inclusive a da amizade e

---

<sup>18</sup> Y ésta sería la segunda particularidad de esta "nueva" París: la existencia de un complejo y rico mundo cultural en donde conviven sujetos de diversas nacionalidades y culturas, unidos por la experiencia del vagabundo, según palabras de Bauman ...

<sup>19</sup> Sociólogo manizalita, professor universitário, poeta, escritor e colaborador em publicações literárias e políticas, tanto em nível nacional quanto internacional, postou na POLIS, revista acadêmica da Universidad Bolivariana 13ª edição (sem data) o trabalho *El Síndrome de Ulises: Un viaje desde La Literatura*.

da cumplicidade. No entanto, o romance aqui analisado está também alicerçado nas relações sexuais, sendo esse tipo de contato usado como um dos meios para a configuração de um sujeito livre e sem o estigma de sofrimento que parece sempre pertencer àquele que migra.

Graciela Ravetti,<sup>20</sup> com o trabalho *Tropologias performáticas do exílio: Traoré*, de Juan José Saer e *A síndrome de Ulisses*, de Santiago Gamboa, analisa este último afirmando que ele fundamenta-se nas experiências dos que sobrevivem de maneiras precárias e invisíveis, numa Paris do imaginário próspero e requintado. A personificação do sujeito dá-se mediante a voz utilizada em função da relação que desenvolveram com a cidade. Para Ravetti, o que interessa são as diferenças dos discursos dos imigrantes pobres acerca das cidades dos sonhos.

O discurso pessimista de Esteban aparece no início do romance, quando ele se refere ao frio, à pobreza e à loucura que acometem muitos imigrantes. Em relação à insanidade mental dos imigrantes, encontra-se o trabalho de Ana María da Costa Toscano<sup>21</sup>, que analisa a obra de Santiago Gamboa em *As novas diásporas latino-americanas em A síndrome de Ulisses*, de Santiago Gamboa, publicado nos *Cadernos de Estudos Latino-Americanos* nº3. Para Toscano, a solidão é a causadora da enfermidade relatada no romance *A síndrome de Ulisses*, doença por que Jung é acometido. O personagem é um coreano que se refugiou em Paris, a fim de ter uma vida mais segura. Entretanto, Jung não consegue recomeçar sua vida, pois ainda tem o passado vivo na memória. Seu relacionamento com o presente não existe. Ele passa a maior parte de seu tempo projetando trazer sua esposa para Paris, mas as recordações traumáticas juntamente com a condição solitária alimentam sua enfermidade. Devido a isso, o personagem morre antes de rever a esposa.

Toscano discorre acerca da alusão que Gamboa faz a Paris, pois o autor se refere a uma cidade fria não somente em função do clima, mas também porque mantém o imigrante pobre à margem. Segundo Toscano, o personagem Esteban se sente agredido pelo exílio, situação que causa um sentimento de angústia e revolta.

---

<sup>20</sup> (FALE/UFMG/CNPq). Sem data. *Tropologias performáticas do exílio: Traoré*, de Juan José Saer e *A síndrome de Ulisses*, de Santiago Gamboa.

<sup>21</sup> Investigadora e professora associada de espanhol e de literatura hispano-americana da Universidade de Fernando Pessoa. Diretora do Centro de Estudos Latino-Americanos (CELA). Editora da revista *Nossa América*, edições da UFP, e dos *Cadernos de Estudos Sociais para a América Latina*. Colaboradora de numerosas publicações, é autora da obra *O discurso autobiográfico na obra de Horácio Quiroga* (2002), tradutora para o português do livro *Crime de mulheres* (2003) e coautora da trilogia *Mulheres más. Percepção e transgressão no mundo luso-hispânico* (2006), entre outros. Analisa a obra de Santiago Gamboa em *As novas diásporas latino-americanas em A Síndrome de Ulisses* de Santiago (2007), publicado nos *Cadernos de Estudos Latino-Americanos* nº3.

A agressão de Paris contra Esteban está na permanente chuva, na rejeição das mulheres por quem se apaixonou e no porão do restaurante onde trabalha. Também está na casa onde vive e na falta de um banho quente, enfim, em todas as dificuldades que parecem insuportáveis. Assim, a diáspora contemporânea não é menos difícil do que a antiga, onde os povos saíam em massa por motivo de fuga ou de escravidão.

Atualmente, na maioria das vezes, esse processo se dá por decisão própria, mas isso em nada muda o sentimento de não se adequar ao ambiente. Em muitos casos, o desligamento da pátria traz consigo a ambiguidade no discurso do sujeito, que afirma ser repudiado pelas pessoas que o rodeiam. Paradoxalmente, ele próprio também repudia o país de origem. O sujeito não se sente pertencente nem a terra natal e nem ao país de exílio. Esse tipo de confusão mental leva o imigrante a uma degeneração psíquica, onde o “eu” mergulha no vazio, provocando a fragmentação identitária.

As entrevistas e as análises realizadas por jornalistas e estudiosos comprovam que o romance *A síndrome de Ulisses* fala do sujeito contemporâneo que se sente sugado por uma engrenagem que o controla. Antes de ser seduzido a fazer constantes mudanças, o sujeito era o detentor do poder; hoje, ele passa a ser manipulado por uma sociedade pós-moderna que o impele a viver em trânsito. Dessa forma, o romance em foco traz ao leitor um tema já bastante conhecido: a diáspora, com seus sonhos e dificuldades. Gamboa coloca o sujeito diante de seus medos e inquietudes. Assim, na contemporaneidade, o maior desafio é o enfrentamento entre sujeito e exílio.

Conforme já mencionado, Said reflete sobre os anseios do exílio, afirmando que “O exílio nos compele a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar” (2003, p. 46). O imigrante, ao passar por situações que o desequilibram, internaliza sentimentos de fragilidade, raiva e amor, juntamente com a sensação de erotismo. Os referidos sentimentos e sensações são atribuídos à condição do sujeito pós-moderno que, ao afastar-se do lar, adquire várias percepções sobre seu estado de estrangeiro.

Dessa forma, é no exílio que diversos matizes emocionais se apresentarão, traduzindo o modo de o indivíduo enxergar o lugar que elegeu para viver. Para tanto, no decorrer de *A síndrome de Ulisses*, o personagem Esteban terá sua vida atravessada por quatro mulheres e cada uma delas, no seu devido tempo, figurará na construção da identidade do personagem em Paris.

Percebe-se assim, que o indivíduo produzido pelo fenômeno global é compelido à expansão e movido por um contexto consumista advindo do sistema pós-moderno que

transpõe os limites espaciais. Esse sujeito não suporta a ideia de pertencer somente a um lugar e, por isso, deixa a pátria e lança-se ao desconhecido. Apesar disso, não há a possibilidade de desafiar a natureza original de pertencimento sem sofrer sequelas; por isso, ao encontrar-se longe da terra natal, o sujeito desenvolverá olhares muito ambíguos em relação ao exílio. O referido olhar denota a não chegada ao país dos sonhos, a melancolia pela falta da rotina e a conquista por seu lugar no exílio.

Assim, será durante a viagem de Esteban pelos corpos de Victoria, Paula, Susi e Sabrina, todas imagens de territórios e emoções diferentes, que o personagem encontrará seu lugar no exílio. Paralelamente a isso, outros acontecimentos ocorrerão e, através da cumplicidade desenvolvida no exílio, o personagem se envolverá com os problemas de seus companheiros. Entre eles, a busca incessante pelo desaparecimento de Nestor e o envolvimento com os problemas de Saskia e Jung.

Contudo, Esteban sempre retornará ao enfrentamento com sua interioridade, por reativar as relações com as quatro mulheres já mencionadas, nas quais cada uma delas tem importante papel na perda e na reconstrução identitária do personagem. Assim, torna-se relevante analisar tanto a relação de Esteban com as referidas personagens e sua condição de exilado, quanto as questões de desencontro com Paris, as crises amorosas e a reconstrução de sua identidade através do erotismo.

## 2. FRATURAS NA UTOPIA

Pensar no romance de Santiago Gamboa como elo entre ficção e realidade não é difícil, já que o próprio autor admite pautar-se na história de imigrantes para escrever seu livro. E sublinha, em entrevista a Ana Zarzuela e Luis García<sup>22</sup>, a importância dessas experiências para a produção de um bom romance que, segundo o escritor, é feito de experiências reais<sup>23</sup>:

Uma pessoa só pode escrever o que viveu. Não quero dizer que a experiência tenha que ser vivida pela pessoa. Pois as coisas que eu passei se tornam muito difíceis de contar. Nessa história de escrever livros a única questão relevante é a credibilidade. Um livro pode ter muitos defeitos, mas o que determina que ele seja bom ou ruim é a credibilidade. E a credibilidade de um personagem se constrói contando as experiências desde dentro; os personagens têm que estar vivos, eu gosto que falem e se definam entre eles. E se eu não conheço o que passa dentro de cada um não é crível.

No entender de Gamboa, o autor tem pleno direito de intervir na sua obra. O ficcionista pode contar situações que ele observou ou relatar fatos contados por pessoas próximas a ele, ou ainda pode assemelhar o enredo do romance a sua própria vida. A forma de Gamboa pensar a composição de um romance corrobora com a teoria de Mikhail Bakhtin:

O romance está ligado aos elementos do presente inacabado que não o deixam enrijecer. O romancista gravita em torno de tudo aquilo que ainda não está acabado. Ele pode aparecer no campo da representação em qualquer atitude, pode representar os momentos reais da sua vida ou fazer uma alusão, pode se intrometer nas conversas dos personagens, pode polemizar abertamente com os seus inimigos literários etc... (2010, p. 417)

A resposta de Gamboa para Ana Zarzuela e Luis García, vista em conjunto com a teoria de Bakhtin, confluem para um mesmo ponto, qual seja, o de o romance como gênero traduzir a invenção mais antiga que pode existir: a narrativa. O gênero romanesco fala da relação entre

---

<sup>22</sup> Revista Cambio 16 de España e Literaturas.com

<sup>23</sup> Uno solo puede escribir lo que vivió. No quiero decir que la experiencia tenga que ser vivida por la persona. Pues las cosas que yo pasé se tornó muy difícil de contar. En esa historia de escribir libros la única cuestión es la credibilidad. Un libro puede tener muchos defectos, pero lo que determina que él sea bueno o malo es la credibilidad. Y la credibilidad de un personaje se construye contando las experiencias desde adentro; los personajes tienen que estar vivos, me gusta que hablen e se definan entre ellos. Y se yo no conozco lo que pasa adentro de cada uno no es creíble.

peças e, por isso, não foge ao estigma de afinar-se à vida. Dessa forma, o ficcionista, a fim de ter uma obra bem alicerçada, necessita de uma história que represente a verdade.

## 2.1- A distância

Para tanto, *A síndrome de Ulisses*, enquanto obra ficcional, revela as características do sujeito pós-moderno, que vive aventuras próprias de uma época efêmera, a qual comporta dúvidas de pertencimento e identidade, mobilizando a descentralização do “eu”. Em relação ao referido aspecto, Georg Lukács menciona que o romance tem como conteúdo a história dos sujeitos que saem a viver aventuras:

O romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade, seu conteúdo é a história da alma, que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência (2009, p.91).

Os personagens do romance fazem parte do sistema globalizado e em crescente movimento; por isso, são arremessados para fora, em busca do novo. Eles partem para lugares distantes, perdendo, com isso, a estrutura identitária. Assim, são constantemente postos à prova por um ambiente desconhecido e pelas diversas situações que lhes são apresentadas, ao saírem pelo mundo na direção de comprovar sua natureza conquistadora. Contudo, na terra estrangeira são acometidos pela vulnerabilidade, já que estão por conta própria. Segundo Bakhtin, esse personagem não se acomoda ao sistema a que pertence:

Um dos principais temas interiores do romance é justamente o tema de inadequação de um personagem ao seu destino e à sua situação. O homem ou é superior ao seu destino ou é inferior à sua humanidade. A mesma zona de contato com o presente inacabado e, por conseguinte, com o futuro, cria a necessidade de tal não coincidência do homem consigo mesmo. Nela sempre permanecem as virtualidades irrealizadas e as exigências não satisfeitas. Há um porvir, e este porvir não pode deixar de se referir à imagem do homem, de ter suas raízes nele (2010, p. 425).

Dessa forma, pode-se comparar as palavras de Bakhtin, ao sujeito contemporâneo, não estando este necessariamente preso ao seu destino. Ele faz sua trajetória mesmo essa autonomia sendo um pouco contraditória, já que é dominado pelo desejo do consumo. Assim,

devido ao sistema global, centrado na expansão e na velocidade dos meios de transportes e comunicação, as distâncias tornam-se cada vez menores. Com isso, aumentam os deslocamentos de pessoas determinadas a experimentar sensações. Não há mais espaço para a inércia e, para sentir-se vivo, o sujeito pós-moderno necessita, como bem lembra Bauman, de transitar e desvendar o desconhecido:

Há também a inquietude, a mania de mudanças constantes, de movimento, de diversidade – ficar sentado, parado é a morte... O consumismo é assim o análogo social da psicopatologia, com seus sintomas gêmeos em choque: o nervosismo e a insônia (1999, p. 91).

O indivíduo possui internalizado o medo de não se socializar; por isso, migrar ou viajar tem sido o desejo dos consumidores pós-modernos. Segundo Bauman, o sujeito vive a inquietação de estar em movimento, com o prazer situado na busca por sensações que a locomoção produz:

Para os consumidores da sociedade de consumo, estar em movimento – procurar, buscar, não encontrar ou, mais precisamente, não encontrar ainda – não é sinônimo de mal-estar, mas promessa de bem-aventurança, talvez a própria bem-aventurança. Seu tipo de viagem esperançosa faz da chegada uma maldição. (Maurice Blanchot notou que a resposta é o azar da pergunta, podemos dizer que a satisfação é o azar do desejo. Não tanto a avidez de adquirir, de possuir, não o acúmulo da riqueza no seu sentido material, palpável, mas a excitação de uma sensação nova ainda não experimentada – este é o jogo do consumidor (1999, p. 91).

Esteban, narrador-personagem de *A síndrome de Ulisses*, é a expressão do sujeito em busca das sensações de um universo que suporta muitos matizes culturais e movimenta-se rapidamente. O personagem é um viajante solitário. Segundo Lukács, o indivíduo se aventura pelo mundo sem contar com ninguém, tornando-se o único responsável por seus atos:

O processo segundo o qual foi concebida a forma interna do romance é a peregrinação do indivíduo problemático rumo a si mesmo, o caminho desde o opaco cativo na realidade simplesmente existente, em si heterogênea e vazia de sentido para o indivíduo, rumo ao claro autoconhecimento (2009, p. 82).

Esteban representa o personagem pensado por Lukács, que persegue seus anseios sem acreditar que algo ou alguém possa privá-lo de seguir seu caminho. Com esse pensamento, Esteban deixa Bogotá e elege Paris para morar. Seu objetivo é fazer doutorado na Sorbonne. Ele idealiza a cidade de Paris como um lugar de grandes possibilidades para o crescimento



intelectual e econômico. Segundo Lukács, o herói romanesco é autônomo e seu desejo é experimentar a vida:

A psicologia do herói romanesco é o campo de ação do demoníaco. A vida biológica e sociológica está profundamente inclinada a apegar-se a sua própria imanência: os homens desejam meramente viver, e as estruturas, manter-se intactas; se os homens por vezes acometidos pelo poder do demônio não excedessem a si mesmos de modo infundado e injustificável e não revogassem todos os fundamentos psicológicos e sociológicos da sua existência, o distanciamento e a ausência do deus efetivo emprestaria primazia absoluta às indolências e à autossuficiência dessa vida que apodrece em silêncio (2009, p. 92).

Conforme já foi observado por Lukács, o personagem apartado de deus faz as próprias escolhas, depositando seu vigor não em uma força divina, mas nele mesmo. Devido a isso, ele deposita todas as suas energias nessa aventura, sem pensar nas contingências que podem surgir durante o caminho como exilado. Por isso, ao viver a diáspora, terá que assimilar formas de enfrentar a fragilidade diante de um universo diferente do que estava acostumado.

Aquele homem que saiu de Bogotá, ao atravessar fronteiras, inicia a transformação identitária, pois, segundo observação de Bauman, distanciar-se de casa implica mudanças na identidade:

Encontrar-se num espaço “longínquo” é uma experiência enervante; aventurar-se para “longe” significa estar além do próprio alcance, deslocado, fora do próprio elemento, atraindo problemas e temendo o perigo (1999, p. 20).

A ansiedade provocada pelo afastamento territorial e a sensação de perigo estão intimamente ligadas a aspectos próprios de um mundo em constante desenvolvimento. O indivíduo necessita estar integrado ao progresso; no entanto, Bauman menciona que todo esse desenvolvimento é repleto de incertezas:

O terreno sobre o qual se presume que nossas perspectivas de vida se assentem é reconhecidamente instável – tal como são os nossos empregos e as empresas que os oferecem, nossos parceiros, nossas redes de amizade, a posição que desfrutamos na sociedade mais ampla e a autoestima e a autoconfiança que o acompanham. O “progresso”, que já foi a manifestação mais extrema do otimismo radical e uma promessa de felicidade universalmente compartilhada e permanente se afastou totalmente em direção ao polo oposto, distópico e fatalista da antecipação: [...], o “progresso” evoca uma insônia cheia de pesadelos de “ser deixado para trás” [...] (2007, p. 16, 17)

A idealização de Esteban relacionada à chegada a uma Paris onde, o progresso profissional o aguarda é totalmente distante da realidade encontrada. O personagem se depara com dificuldades de sobrevivência, sentindo-se solitário e, por isso, se desencontra com o exílio idealizado. Com tantas situações desfavoráveis, Esteban perde o foco e quase se esquece dos objetivos que o levaram a Paris.

Ele corrobora as considerações de Bauman, uma vez que o desejo, depois de concretizado, perde o valor. Relacionar a migração com o aumento de oportunidades faz parte da ideologia segundo a qual o sujeito, estando longe de casa, encontrará a felicidade, embora esse afastamento também comporte o sentimento de fragilidade experimentado pelo imigrante.

Mesmo que o indivíduo seja empurrado pelo pensamento de expansão, ocasionalmente, o exilado assume uma atitude avessa ao ímpeto de coragem, fechando-se em de sentimentos angustiantes, o que acaba por ativar a insatisfação de estar no exílio. A idealização de um sucesso rápido é dissolvida, pois, longe de casa, o sujeito enfrenta situações jamais imaginadas, as quais vêm a comprometer a estrutura identitária.

Por isso, ao sair de casa, Esteban intenciona experimentar as sensações que o sistema oferece; porém, ao longo do percurso, seus desejos se desvanecem. O exílio, diferentemente do lar, não possui garantias e o personagem está solto no mundo, contando apenas com sua própria força que, aos poucos, vai se perdendo pelo caminho. Sair de casa parece ser a melhor solução para quem deseja amadurecer, mas todas as sensações e emoções se confundem, diluindo a certeza da vitória. A esse respeito, ensina Bauman:

Em primeiro lugar a passagem “sólida” da modernidade para a “líquida” –, ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (2007, p.7).

Essa organização social cambiante apontada por Bauman compõe o sistema no qual Esteban está inserido ao viver diasporicamente. Se no início ele possuía a certeza de que em Paris seria um escritor, agora já não sabe o que o futuro lhe reserva. Sua identidade como estudante de doutorado e futuro escritor torna-se fragilizada, com a situação se mostrando nada segura. Em relação a tal fato, Bauman faz a seguinte consideração:

Lançados num vasto mar aberto, sem cartas de navegação e com todas as boias de sinalização submersas e mal visíveis, só nos restam duas opções: ou nos alegramos com as empolgantes perspectivas de novas descobertas ou podemos tremer de medo de morrer afogados (1999, p. 93).

Bauman, ao mencionar a busca incessante de aventuras por parte do sujeito, denota a situação do indivíduo que surgiu do pós-moderno. Diferentemente de outros períodos da história, o sujeito que compõe a sociedade contemporânea está repleto de contradições. Se ontem ele era feliz por ter raízes fixas, hoje necessita rever esse conceito e partir para a obscuridade do distanciamento. Esteban é um homem de seu tempo e, em função disso, não pode se negar a seguir as normas prescritas pelo pós-moderno, ou seja, ele deve ter a noção de que a felicidade está relacionada ao movimento e, sendo assim, necessita ampliar seu conhecimento de mundo. Entretanto, o distanciamento do lar, somado a culturas diferentes e ao baixo poder aquisitivo, torna-se, conforme bem lembra Bauman, uma revelação dramática quanto a sua posição em uma sociedade de Primeiro Mundo:

Os vagabundos não podem realmente se permitir as opções sofisticadas em que se espera que sobressaiam os consumidores; seu potencial de consumo é tão limitado quanto seus recursos. Essa falha torna precária sua posição social. São uns estraga-prazeres meramente por estarem por perto, pois não lubrificam as engrenagens da sociedade de consumo, não acrescentam nada à prosperidade da economia transformada em indústria de turismo (1999, p. 104).

## 2.2- O desencontro

Apesar de Esteban não possuir todas as características do *vagabundo* descrito por Bauman e tampouco ser esse o objetivo da análise do referido personagem, observa-se que ele é um “*estraga- prazeres*”, à medida que entra em Paris de forma quase marginal. A estada do personagem no exílio não traz benefícios a ninguém. Como se vê, Esteban está numa Paris diferente daquelas habitadas por outros imigrantes e turistas. Embora estando em território parisiense, não enxerga Paris. Para sobreviver ao desencontro, ele necessita do auxílio dos outros imigrantes. O argumento torna-se evidente no olhar do jovem para a cidade e também no fato de a realidade não corresponder às expectativas.

Esteban possuía uma visão idealizada de Paris: esse seria o lugar onde o doutorado se realizaria e haveria a presença de muitos amigos e reuniões de estudos sobre literatura. Contudo, o que estava ocorrendo em sua vida não tinha relação com o desejo, já que encontra

um ambiente muito diferente do que imaginava: “Quando começaram as aulas foi uma grande decepção, [...] e depois da primeira aula a decepção foi maior, já que no meu curso só havia três pessoas inscritas” (GAMBOA, 2006, p.23).

Esteban havia comprado a ideia de que no exterior conseguiria concretizar os objetivos anteriormente traçados. Contudo, o exílio não se revelou uma experiência muito positiva, pois o personagem obteve efeitos opostos que possibilitaram a fragmentação de sua identidade. E a cada situação difícil que passava, seu olhar tornava-se vago e tortuoso em relação a sua vida.

Assim, observa-se que o sistema global é responsável pela produção de um sujeito que enfrenta o deslocamento e que recebe em sua própria vida os reflexos dessa experiência. Quando Esteban chega ao território parisiense, percebe que, por ter poucos recursos financeiros, sua vida no exílio não será muito fácil. E, juntamente com os problemas financeiros, ocorre o rompimento amoroso entre ele e Victoria:

Mas esse não era meu único problema, pois Victoria, o grande amor da minha vida, deixara de sê-lo (eu deixara de ser o dela, na realidade, e por isso meu estômago sofria permanentes contrações. Isto aliado à pouca e má comida – carne com ervilhas em lata a seis francos e coisas desse tipo –, derivou para uma gastrite que acabou despertando minha antiga úlcera (GAMBOA 2006, p. 14).

O estar longe, conforme acredita Bauman, remete à falta de tranquilidade e, com isso, percebe-se que Esteban relaciona os seus problemas financeiros e amorosos ao fato de estar em Paris. A relação de amor dos personagens, assegurada pela rotina, sofre um rompimento inesperado. No exílio, tudo muda para Esteban, e o grande conflito surge para o personagem quando ele não consegue manter o amor de Victoria e nem fugir das dificuldades financeiras.

As circunstâncias que o personagem atravessa são os motivos para que a cidade de Paris se torne amarga. Enquanto para a maioria das pessoas estar na capital francesa significa experimentar paixões, para Esteban o processo ocorre ao contrário. A cidade torna-se dissipadora do rompimento entre ele e Victoria, o que, conseqüentemente, leva-o à perda da segurança.

Esteban havia cultivado uma imagem perfeita do exílio: ele se tornaria um grande escritor, como tantos outros que se distanciaram do lar para conceber a ficção. O personagem saiu de Bogotá com a imagem de que sua vida seria cheia de bons momentos, mas o que obteve com tal aventura foi a decepção de pertencer à parcela pobre dos imigrantes. A experiência vivida revelou uma visão e um comportamento distorcidos, segundo os quais entrar no Primeiro Mundo era sinônimo de glamour:

Naquela época a vida não me sorria. Mais bem fazia caretas, como se algo lhe provocasse um riso nervoso. Era o início dos anos noventa. Estava em Paris, cidade voluptuosa e cheia de gente próspera, embora não fosse esse o meu caso. Longe disso. Os que tínhamos chegado pela porta de trás, esquivando o lixo, vivíamos muito pior que os insetos e os ratos (GAMBOA, 2006, p. 13).

Esteban inicia sua jornada dependendo da moradia de seus amigos Luz Amparo e Rafael, dois refugiados políticos, também colombianos. Passado o referido período, consegue sua própria casa: um quarto muito pequeno e sem banheiro, mas que propicia a sua privacidade. Nesse mínimo espaço, ele sofre inúmeras vezes privações financeiras e emocionais que o tornam inseguro e melodramático.

Além de Esteban passar por contingências típicas do universo globalizado, há um fator relevante a influenciar suas atitudes. O rapaz ainda é bastante jovem e isso faz com que ele dê muita atenção aos seus sentimentos. A falta de maturidade para enfrentar o exílio fragiliza-o ainda mais, pois todas as adversidades revelam-se de maneira intensa. Paris torna-se monstruosa e ele cria um universo paralelo à Cidade Luz, onde vivem pessoas que se mostram hostis a sua presença.

Esteban chegou ao exílio com a finalidade de fazer o doutorado e tornar-se escritor. Para sobreviver em Paris, ele ministrava aulas de espanhol; entretanto, com os baixos salários necessitou buscar alternativas de trabalho. A princípio, atuou como ajudante de mecânico e, mais tarde, começou a lavar pratos em um porão de restaurante. As contingências vividas pelo personagem, que vislumbrava o exílio como o espaço das grandes oportunidades, contribuem para o distanciamento da tão desejada Paris. E, com isso, Esteban passa a ter sua identidade dissolvida aos poucos.

Ele tinha o desejo próprio do sujeito pós-moderno, ou seja, estava em busca de aventura e, por isso, não podia ficar inerte, uma vez compelido por forças superiores que o induzem a locomover-se. Como futuro escritor, Esteban não possui escolha, pois deveria deixar Bogotá a fim de conhecer outras culturas e crescer emocionalmente. Segundo Bauman, o sujeito pós-moderno é forçado ao deslocamento:

Muitos talvez preferissem ir a outros lugares ou mesmo não ter uma vida nômade – se pudessem escolher; mas para começo de conversa, não lhes deram opção. Se estão se movendo é porque “ficar em casa” num mundo feito sob medida para turista parece humilhante e enfadonho e de qualquer modo, a longo prazo não parece uma proposta factível. Estão se movendo porque foram empurrados – tendo sido primeiro desenraizados do lugar sem perspectivas por uma força sedutora ou propulsora poderosa demais e muitas vezes misteriosa demais para resistir. Para eles, essa angustiante situação é tudo, menos liberdade. Esses são os *vagabundos*, escuras luas errantes que

refletem o brilho luminoso do sol dos turistas e seguindo placidamente a órbita dos planetas: são os mutantes da evolução pós-moderna, os rejeitos monstruosos da admirável espécie nova (1999, p. 100, 101).

As palavras de Bauman descrevem o personagem que, impulsionado pela conduta global, toma a decisão de viajar, diante da necessidade que se impõe de fazê-lo. Assim, Esteban é o reflexo do vagabundo: entra no Primeiro Mundo impregnado pelo conceito da necessidade de mover-se, mas vive de maneira precária. As circunstâncias vividas por Esteban fazem com que ele desenvolva um olhar turvo em relação a Paris, e suas ilusões mostrem-se a cada dia mais distantes da realização.

Por esse motivo, o romance *A síndrome de Ulisses* também revela a necessidade da aproximação entre os imigrantes, comunicação que se dá através das festas organizadas pelos mesmos, realizadas pelos colombianos com o intuito de preservar a cultura. Tais reuniões possuem como objetivo auxiliar os que estão sozinhos no exílio, uma vez que ser exilado implica viver por conta própria. A esse respeito, Lukács afirma:

O romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por todas elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência (2009, p. 91).

Os personagens provindos do romance *A síndrome de Ulisses* são solitários, ou seja, cada um deles busca aventuras que lhe suguem as energias. Para tanto, faz-se necessário tomar fôlego, a fim de continuar a jornada e, é no interior das festas promovidas pelos colombianos exilados, que Esteban volta às raízes e conhece Paula. A referida personagem será a simbolização da pátria sob uma ótica diferente, já que, para Esteban, ela representa uma conterrânea.

De acordo com Bhabha, a aproximação entre pessoas que sofrem os mesmos martírios é uma forma de unir forças para vencer os obstáculos no exílio. Apesar de os problemas de Paula serem de outra natureza, ela e Esteban irão se aproximar pelo simples fato de ambos estarem vivendo um processo de transformação. Acerca do ponto em questão, Bhabha sustenta:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais (2010, p. 20).

A convivência entre os imigrantes vai além das diferenças culturais. No exílio, eles são apenas almas errantes em busca de consolo, usando de subterfúgios para sobreviver. Cada exilado possui uma maneira muito particular de representar sua condição de estrangeiro. Inserido em um contexto pós-moderno, Esteban cria imagens que irão direcioná-lo durante o seu percurso no exílio. Assim, a presença de Victoria simbolizará o passado cômodo que ele perde ao ir a Paris, enquanto Susi será uma providência momentânea de afeto desesperado. Paula será o porto seguro na terra estrangeira e, finalmente Sabrina, como legítima francesa, possui a simbologia do obscuro e do desejável.

Devido à debilidade emocional, Esteban desencadeia uma visão imaginária do cenário parisiense e das pessoas que o compõem. O personagem percebe cada sujeito com especificidades próprias, fazendo um minucioso exame e julgando cada atitude a partir do seu conceito de exílio. Através das roupas, do tipo físico e da atuação das pessoas citadas, Esteban forma argumentos identificadores da Paris que ele conhece.

Para o personagem, alguns indivíduos refletem o que há de pior na cidade. Assim, Esteban enxerga em Nestor, um colombiano como ele, jogador de xadrez, a triste vida de ser um exilado pobre. Ele promove toda uma reflexão envolvendo a vida de Nestor e, dando força à imaginação, devaneia sobre as supostas dores que o exílio ofereceu ao enxadrista. Assim, a visão perceptiva de Esteban sobre Nestor toma grandes proporções, chegando a ponto de delinear a personalidade desse desconhecido:

Quem sabe aquela expressão de ter sido ofendido ou injuriado tivesse se manifestado aqui, entre gente diferente e com uma língua que ele não compreende, num país arrogante no qual a duras penas poderá ocupar um ínfimo de trabalhador ilegal (GAMBOA, 2006, p. 48)

Desde sua chegada a Paris, o jovem colombiano percebe os pontos negativos da cidade que, para ele é impiedosa com os imigrantes e, por isso, elabora toda uma fantasia tenebrosa em relação ao lugar e seus habitantes. Apesar disso, sua vinda para Paris ocorreu por decisão própria. Ainda que Esteban, de certa forma, represente o *vagabundo* descrito por Bauman, ele poderia voltar para casa na hora que decidisse. Entretanto, o personagem necessitava conquistar seu espaço no mundo, o que somente ocorreria mediante distanciamento do lar. A orientação para o deslocamento tornava a permanência naquela cidade absolutamente necessária. O novo modo de vida, sobrecarregado pela responsabilidade de se manter sozinho em um país estrangeiro e com poucas condições financeiras, fazia com que ele visse Paris de maneira agressiva. Sabe-se que muitos estavam ali por desespero, mas somente Esteban percebia a frieza dos habitantes e reclamava da vida. Embora sem conhecer a intimidade dos

outros imigrantes, ele tirava suas conclusões, mesmo sabendo que tudo fazia parte de seu universo pessimista e imaginário.

Contudo, estando em uma cidade que, segundo ele, golpeava-o pela fome e pelo frio, Esteban não cogitava a volta, o que representaria uma forma de ser vencido pelo sistema opressor. Ele preferia reclamar de Paris a voltar a Bogotá. A relação que o personagem mantinha com a capital francesa era de desejo e ódio, pois ao mesmo tempo que repudiava a cidade e seus habitantes, era em Paris que ele queria ascender profissionalmente. Ele poderia voltar a Bogotá a hora que quisesse, dada sua condição de não ser um imigrante ilegal. O que fazia Esteban permanecer no exílio era a excitação de ser um vencedor naquela cidade que o oprimia. Sua atitude é a de um sujeito cuja identidade já está fragmentada.

Esteban sente a dor de viver a diáspora e seus sentimentos são de indignação contra a sociedade burguesa. De acordo com ele, o Primeiro Mundo é para aqueles que têm boa situação financeira. Apesar de maldizer a sua sorte e, na maioria das vezes, sentir-se deprimido, entra em contradição, à medida que nutre sentimentos antagônicos pelas pessoas e pelo exílio.

A condição financeira de Esteban é realmente difícil e o fato o faz conseguir um trabalho como lavador de pratos no porão de um restaurante coreano. E é nesse lugar escuro e malcheiroso que ele conhece Jung, um imigrante vindo da Coreia. Em meio do vapor e da louça gordurosa, os dois conversam sobre seus sonhos, suas tristezas e começam uma amizade. Apesar de Jung ser uma pessoa muito sofrida em função de ter saído da Coreia fugido, Esteban considera suas emoções como mais relevantes do que as de Jung. O personagem não consegue conviver com os habituais problemas de um exilado, tornando-se refratário aos sentimentos dos outros. Embora tenha a consciência de que outras pessoas também passam por privações, está sempre muito condolente consigo mesmo. Sem conseguir enxergar a Paris das luzes, passa por angústias permanentes e sente-se um desafortunado.

O fato de Esteban ser um recém-exilado contribui para que ele ainda não possua uma rotina; seu tempo ocioso o faz pensar demais nas contingências e esperar ansiosamente o convite de qualquer pessoa que o alimente, aceite e ame. O amor esperado por Esteban não ocorre tão facilmente, pois além de haver sido abandonado por Victoria, sofre o repúdio de Sabrina, a francesa, o que aumenta o olhar irado na direção de Paris. O personagem acredita que a cidade e seus habitantes deveriam acolhê-lo, mas isso não ocorre prontamente. Nesse momento, aumentam suas dores, já que tudo o que deseja parece escorregar de suas mãos:



A verdade é que já fazia tempo que eu perseguia as coisas que não podia obter e cuja ausência me afligia, mas ouvindo Salim me dei de conta que aquele incômodo mal-estar provinha de mim, da situação geral da minha vida e das incertezas dos meus projetos. A decepção com Sabrina era a ponta visível, o último grau de um termômetro que indicava febre, então preferi abandonar o assunto, envergonhado de trazer à luz minhas dores adolescentes. E mudei de assunto (GAMBOA, 2006, p. 74).

A insegurança do exílio invade a vida de Esteban, induzindo-o a perder a certeza de êxito em seus projetos, frustração que se torna acentuada pela maneira constrangedora com que Sabrina o trata. Ele faz uma analogia entre a atitude da francesa e a frieza de Paris. Devido a isso, o personagem tem a sensação de não haver chegado ao seu destino.

Concomitantemente à dor emocional, Esteban começa a criar um universo muito próprio. Ele passa a representar a presença de Victoria, Sabrina, Susi e Paula como relevante simbologia na perda e reconstrução de sua identidade. As mulheres citadas farão parte de momentos de desengano em relação ao exílio e, em outros, servirão de estímulo para a permanência do personagem em Paris.

Esteban admite que suas angústias fazem parte da adolescência e da imagem idealizada do exílio; por isso, para o personagem, Victoria e Sabrina serão, a princípio, as provocadoras de sua despersonalização, já que ambas o repudiam. Enquanto isso, Paula se apresentará como a mulher que nele faz aflorar um homem autônomo.

Antes de Esteban conhecer-se melhor, ele terá como refúgio os braços de Susi, uma prostituta africana, que o ampara em momentos de tristeza. A figura de Susi é importante para Esteban, pois ela representa a classe pobre, mas, mesmo assim, otimista. É através de Susi que o personagem começa a questionar sua verdadeira situação no exílio. Esteban leva Susi para sua casa e, nesse momento, começam uma relação de sexo e amizade.

Sua primeira preocupação reside em como Susi irá receber a pobreza de sua residência. O pequeno espaço onde vive o personagem não tem qualquer conforto; entretanto, isso não é importante para ele. Ela sente somente o desejo da companhia de Esteban. E é nesse instante que Susi se lança sobre Esteban e oferece a ele o calor de seu corpo e mais do que isso: dá-lhe a oportunidade de perceber que seu valor como ser humano não está no dinheiro. O prazer que Susi proporciona a Esteban faz com que ele tenha, por alguns momentos, sua autoestima elevada.

Depois de acontecer a primeira relação sexual com Susi, Esteban passa a imaginar, por breves instantes, que ele poderia ser um escritor famoso e ter o privilégio de ser amado por uma prostituta. Em meio a toda a pobreza de sua casa, Esteban delira: “[...]; que artista, como

Van Gogh ou Baudelaire não sonhou com o amor de uma prostituta? [...]” (GAMBOA, 2006, p. 83). Durante tais instantes, Esteban substituiu a visão pessimista que tinha a seu respeito pela de um famoso ficcionista, mas o personagem não permanece por muito tempo nesse êxtase emocional; por isso, passa a se sentir inadequado, visto ainda não ser um escritor.

A autoestima do personagem tem grande influência sobre seus atos no exílio. Ele revela seus desafetos e anseios às personagens Susi, Victoria, Paula e Sabrina. Esteban acredita que não deveria passar por tantos problemas; ele não deixa de ser um romântico, para quem tudo deveria fluir de maneira harmônica.

Comparando o estado emocional de Esteban ao da personagem Susi, percebe-se o quanto ele exige da vida de exilado. A diáspora, para Esteban, se mostra aniquiladora, enquanto para Susi tudo é uma questão de escolhas. Ao falar de sua condição ilegal no país, é bastante prática, e suas palavras não revelam qualquer tipo de autopiedade. Para ela, o fato de ser prostituta não envolve sua integridade; diz Susi: “É fácil e limpo, disse, os clientes pagam 800 francos por uma coisa que dura uns dez minutos e pronto” (GAMBOA, 2006, p. 83,84). Susi é a personagem que tenta mostrar a realidade dos imigrantes a Esteban. Apesar de ela sofrer a ausência de sua família e de sua nação, seu senso de realidade é bastante forte: devido à falta de oportunidades em seu país, sabe que necessitaria sair dele para conseguir o sustento da família. Susi fala com nostalgia da paisagem que deixou para trás, mas em nenhum momento se queixa da sorte. O exílio, segundo ela, é sua realidade de vida.

A inconstância é outro ponto relevante na personalidade de Esteban, que torna o exílio ainda mais difícil. O personagem necessita de apoio emocional, visto se ofender com aqueles que não lhe concedem razão. Ao sofrer a decepção com Sabrina, pensa que Elkin deveria interceder por ele e, como isso não acontece, fica irado com o amigo. O conflito fecha ainda mais a porta de entrada em Paris; entretanto, sua instabilidade torna-se mais evidente quando começa a nutrir o desejo de vingança e paixão por Sabrina, que pode ser remetido ao sentimento que ele tem em relação ao exílio. Assim, a fragilidade do rapaz é percebida em suas atitudes, diante da situação de ciúmes:

Ao passar pelo corredor observei de esguelha Sabrina, que continuava papeando e rindo com seus amigos. Fiquei contente com a vitória, e nunca como naquele instante desejei vencer o torneio para sair da festa com Sophie. Isso selaria minha atitude altiva em relação à Sabrina (se é que alguma coisa do que eu fazia lhe importava, o que ainda estava para ser visto) (GAMBOA, 2006, p. 93).

A situação diaspórica permite o aparecimento de emoções ambíguas, pois em um momento Esteban se sente perdido e também desafiado por Sabrina, que não o quer por perto.

Contudo, em outro instante, deslumbra-se com a afetuosidade de Susi, sentindo-se quase apaixonado. O personagem possui uma personalidade volátil, que vai se transformando à medida que se depara com situações inesperadas.

As sensações experimentadas pelo personagem são consequências do enfrentamento com o desconhecido. Esse fator torna-o dividido entre o ódio e o desejo pela cidade. O problema de Esteban está sempre relacionado à sua situação financeira e, por isso, passa a maior parte do tempo se comparando às pessoas que vivem bem economicamente. Isso se revela também no seu trabalho como professor, já que leciona para pessoas trabalhadoras de grandes empresas e que veem países como o Chile e a Venezuela de forma preconceituosa.

O personagem tem o olhar atravessado pelas grandes diferenças sociais, outro motivo de angústias. Porém, Esteban sentia-se muito bem quando estava na casa de Paula, sua conterrânea, pois ali encontrava generosidade, fartura de alimentos, calor humano e conforto. Apesar de a personagem integrar uma sociedade capitalista e burguesa, isso não ofendia Esteban; ao contrário, ele tinha prazer em compartilhar com ela sua vida. Paula representava o refúgio de Esteban, pois, ainda que tenha decidido a viver em Paris para se tornar um escritor, não estava preparado para experimentar o lado feio do exílio, representado pela privação econômica e pela solidão.

O afeto nutrido por Paula em relação a Esteban possui um efeito fantástico, pois o personagem a traduzia como “Fada Madrinha” (GAMBOA, 2006, p.88). Ele recorria a ela quando a situação estava quase insuportável. Paula prefigurava a terra natal, ou seja, uma Colômbia que cuida dos seus, revelando uma considerável contribuição para a reconstrução identitária que somente se encontra no lar. Segundo Said, o exílio provoca, no sujeito, o desejo de reconstruir sua vida:

O exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. Em geral, não têm exércitos ou Estados, embora estejam com frequência em busca deles. Portanto, os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado (2003, p.50)

A casa de Paula é o espaço onde se projeta o ambiente nacional: ali Esteban encontra afeto e proteção. Assim, estar no apartamento da colombiana significa aproveitar o conforto que ela lhe oferece. Como um adolescente, Esteban prova das orgias que ainda não havia vivido, torna-se um conquistador, mas também se refugia no corpo de Paula como um

menino. Dessa forma, Paula representa uma Colômbia idealizada, já que é na referida personagem que Esteban encontra a paz.

Esteban é um sujeito dependente, principalmente das mulheres. No início de sua jornada, em Paris, buscou no corpo de Susi o afeto. O personagem também aceitou dinheiro de Victoria, mesmo sendo repudiado por ela. Algum tempo depois, recebeu de Paula uma quantia em dinheiro, fruto da prostituição. Ele também desejava desesperadamente possuir Sabrina.

O personagem delira com o amor de Sabrina já que o relaciona à conquista de Paris. E ele somente percebe isso quando Paula diz: “[...] mas a que mais atrai você, pelo menos por enquanto, é Sabrina, pois nasceu no país que o vem humilhando” (GAMBOA, 2006, p. 234). Esteban sente-se mais confuso, pois não tem certeza de seus sentimentos e se deixa levar pelo temperamento audacioso de Paula e suas interpretações em relação à vida do personagem.

Ao sentir-se fragilizado e perdido com tantas informações sobre si mesmo, Esteban mantém relações sexuais com Susi, que promove, através do sexo, um alívio para tanta pressão. O rapaz também perde a tranquilidade ao ser abandonado por Victoria. Eis alguns conflitos criados por Esteban como sujeito deslocado.

Ao chegar a Paris, desencontra-se da cidade idealizada. Para ele, a sobrevivência é difícil, as pessoas são frias e, conseqüentemente, Paris não aparece diante de seus olhos. Os únicos aspectos percebidos por Esteban em relação ao exílio são a pobreza e o desamor. A visão pessimista que o personagem tem de Paris dá-se pelo fato de ele ainda estar em constante viagem, visto que continua sua jornada sem saber onde realmente está.

A mente de Esteban, repleta de elucubrações, divide-se entre o trabalho, as orgias na casa de Paula, a conquista de Sabrina, a manutenção do amor de Victoria e a tentativa de tornar-se escritor. A situação, que se mostrava fixa no início de sua trajetória, sofria um reverso bastante inusitado, pois, a princípio, chegaria a Paris, onde iria fazer o doutorado e, por fim, teria um futuro promissor. Contudo, o objetivo já não parecia tão claro. O que ele não contava é que a vida no exílio é feita de outras circunstâncias paralelas.

Todavia, a vulnerabilidade integrante da personalidade de Esteban não o arremessa somente para uma vida problemática, ou seja, o fato de ele ser maleável, de certa maneira, torna-se positivo. A fragilidade do personagem colabora para que ele não se oponha aos conselhos de Paula, dos escritores que o cercam e dos outros imigrantes. A vulnerabilidade de Esteban contribui para que Paris seja transformada na cidade dos sonhos. Isso ocorre porque é

a partir da vulnerabilidade do personagem que Paula o converte em um homem autônomo, exercendo influência na maneira de Esteban agir.

Ao tornar-se mais forte, Esteban conquista Sabrina, a francesa que, para ele, é a representação de Paris. Somente depois do contato amoroso entre ambos é que o personagem consegue conquistar seu espaço no exílio. Nesse ínterim, ele também muda o seu relacionamento com Victoria, abandonando o estigma de homem pobre e vulnerável e, por fim, tornando-se líder de outros imigrantes.

Contudo, não se pode esquecer que, de alguma forma, cada imigrante cumpre a função de resgatar o personagem da névoa em que se encontra. As experiências vividas pelos exilados servem de aprendizado para que Esteban comece a trilhar um novo caminho. Salim é um dos imigrantes que proporciona um conhecimento mais aprofundado sobre literatura, apresentando-lhe a diversos escritores.

Paula, por sua vez, é a pessoa que mostra uma Paris diferente. Através dela, o personagem se fortalece e começa a enfrentar de fato os percalços da diáspora. Devido a isso, chega o momento em que, fortificado, Esteban encontra um lugar no exílio; mas, para tanto, terá que assumir uma nova postura diante da vida.

A convivência com imigrantes de formações e anseios completamente diferentes e particulares desenvolve em Esteban uma visão mais realista da situação. Se em alguns momentos atrás ele era um rapaz sem atitude, agora passa a não reclamar tanto de Paris e propõe-se a ajudar seus semelhantes. O cotejo existente entre a vida de Esteban e a dos outros imigrantes o faz mais forte; por isso, aos poucos, ele começa a mudar sua maneira de proceder e admite não ser mais possível atuar como centro do universo: “Também Paula tinha seus limites, impossível pretender que o mundo girasse ao ritmo de meus caprichos, [...]” (GAMBOA, 2006, p. 183). Nota-se, com isso, que se dá início a um desenvolvimento interno do sujeito, pois, apesar da carência de afeto, Esteban começa a perceber que muitos de seus sentimentos são apenas “caprichos”.

Dessa forma, a maturidade inicia a rondar o espaço do personagem que, então, já se torna menos egoísta. Não ter a companhia de Paula não é mais um transtorno; assim, ele leva Susi para passar a noite em sua casa e, neste momento, Esteban, uma vez mais, muda o olhar em relação a Paris:

Disse que sim, vamos aonde você quiser, estou morta de sono, e então fomos para minha chambrita, e ao chegar e vê-la deixar sua saia e sua camisa para colocar a calça de um agasalho e uma camiseta minhas, senti que aquele quartinho começava a ser meu

lar, um espaço pobre e lúgubre, mas no qual alguém que me apreciava se sentia à vontade, e esse alguém era Susi (GAMBOA, 2006, p.183, 184).

Aquele olhar cinza lançado por ele na direção de Paris começa a ser matizado por outras experiências. Apesar de a pobreza ainda ser uma inquietude na vida do imigrante, ela passa a ser tolerável. As emoções de Esteban estão mudando aos poucos. A visão que tinha de sua casa, como um lugar gélido transformava-se na que enxergava ali um aspecto de lar, mesmo na companhia de uma humilde prostituta como Susi. O cotidiano do personagem começa a tomar forma, pois é neste momento que ele inicia o confronto com questionamentos jamais pensados. O real motivo de estar em Paris, a condição de seu exílio perante os outros, ou seja, suas reais motivações para ter saído do lar, começam a ser aos poucos esclarecidas. Sua visão ainda se divide entre a felicidade e o desespero.

Que tranquilidade, que paz, disse a mim mesmo sabendo que nas beiradas da consciência me espreitavam os já concebidos diabinhos ou ideias fixas, afiadas como o aço de uma adaga e que eram Victória e o possível amor ou o regresso derrotado a Bogotá com minha vida de todos os dias (GAMBOA, 2006, p. 186).

Por esse motivo, a relação com o “outro” se tornará muito importante no exílio. E é através dela que Esteban toma as rédeas de sua vida. No princípio de sua trajetória como exilado, o personagem se sentia como em um barco à deriva, necessitando de socorro; entretanto, chega o momento em que ele se lança ao encontro de Paris, deixando de ser um simples expectador. Na relação com Paula, encontra um motivo para reagir; por isso, dirige o olhar para sua condição, mergulha nos seus pensamentos e analisa o que o levou ao exílio. Esteban, então, amadurece e adquire objetivos mais realistas:

Mas depois continuando com essa ideia, comprovei que não havia feito absolutamente nada para conseguir meu objetivo, pois nem mesmo escrevia, só tentava manter-me vivo, com o corpo quente, como diria Lazlo. Os cursos da universidade, cada vez mais pobres, me interessavam muito pouco, e por isso passava o dia pensando no que não tinha, sentindo falta disso, fosse o amor de Victória ou a atenção de Sabrina ou um pouco de grana no bolso para chegar, de uma vez por todas, àquela cidade com a qual sonhara quando quis vir e que até então não vira em lugar nenhum (GAMBOA, 2006, p. 205).

As palavras de Esteban deflagram uma cidade idealizada, aquela dos cartões-postais, cheia de glamour e romantismo, mas que, na realidade, está muito distante do imigrante pobre. As névoas que percorrem seus pensamentos aparecem e desaparecem e, de repente, ele

percebe que sua vida chegou ao limite. Diz ele: “A única coisa que tinha sentido eram as conversas com Salim sobre livros, e agora com Kadhim, ou a busca de Nestor Suárez, coisas que preenchiam enormes vazios”. (GAMBOA, 2006, p. 205). Os personagens citados contribuem para que Esteban construa um universo que o ajuda a permanecer no exílio. Alguns são apenas subterfúgios, como o interesse por Nestor; outros, irão direcioná-lo para o mundo literário de fato; é o caso das conversas com Salim e Kadhim. Isso sem esquecer que Paula é o alicerce de Esteban nesse percurso literário.

Esteban tem a noção de que ainda não havia chegado à cidade dos seus sonhos quando Gastón lhe mostrou os postais que enviava a Nestor. Tratava-se de postais de uma Paris linda e, a partir desse momento, Esteban passa a refletir acerca de onde realmente estava. A princípio, nunca estivera na Paris que enxergava através dos postais, pois seu olhar busca somente a desesperança. Assim, o lugar de exílio torna-se escuro, frio e maléfico. Dessa forma, sua entrada em Paris só se dará quando ele conseguir enxergar a cidade na qual todos os outros imigrantes vivem:

Olhe, disse, são imagens de Paris que eu lhe mandei por correio, e de fato eram imagens de avenidas, igrejas, palácios daquela cidade à qual talvez nunca tivesse chegado, como era meu caso, e as observamos por um tempo, ele em silêncio matutando sabe-se lá que lembranças e eu adotando uma respeitosa distância, [...] (GAMBOA, 2006, p. 229).

A saída de Esteban da Colômbia possuía um claro propósito: o personagem vai à busca de uma aventura consumista. A respeito do desejo consumista do sujeito, Bauman afirma:

Tanto o turista como o vagabundo foram transformados em consumidores, mas o vagabundo é um consumidor frustrado. Os vagabundos não podem realmente se permitir as opções sofisticadas em que se espera que sobressaiam os consumidores; seu potencial de consumo é tão limitado quanto seus recursos. Essa falha torna precária a sua posição social. Eles quebram a norma e solapam a ordem (1999, p. 104).

O personagem é a personificação do *consumidor frustrado*, sua necessidade de viajar é igual à de qualquer sujeito pós-moderno, mas no que diz respeito às condições financeiras ele pertence à classe do *vagabundo*. Não tendo como se manter no mesmo nível econômico do *turista*, Esteban não consegue chegar facilmente à Paris que havia idealizado.

Esteban passava os dias sob a mais intensa tristeza e, quando uma nova perspectiva se apresenta, ele se retrai. O sujeito que saiu de Bogotá cheio de projetos já não é mais o mesmo:

o exílio torna-o melancólico e sem esperanças. Seu desagrado por Paris é um sentimento muito pessoal, pois outros imigrantes não se referem à cidade com tamanha angústia:

Comentei isso com Paula, mas ela retrucou, olha desculpe o que vou lhe dizer, mas que é aqui em Paris o único sofredor que eu conheço é você, verdade, meus outros amigos estão encantados de viver nesta cidade tão bonita, estou falando sério, e eu lhe disse, acredito, suponho que devem estar se saindo bem, e Paula disse, sim têm dinheiro, a vida com dinheiro é muito melhor, e por isso quero insistir numa coisa... Você pode continuar lá fora sofrendo se não tiver outro remédio, mas quando não aguentar mais venha aqui, sempre vai ter um prato quente e a possibilidade de tomar uma ducha (GAMBOA, 2006, p. 277).

Paula traz Esteban de volta à realidade, pois apesar de reconhecer os seus problemas econômicos, ela o faz repensar a visão pessimista que o personagem construiu de Paris. Entretanto, a personagem não se omite. O fato de ela possuir uma situação financeira abastada não a torna insensível aos problemas alheios. Paula age como protetora de Esteban e é somente para ela que os pensamentos mais íntimos dele são revelados.

É para Paula que conta seus medos e decepções em relação à Sabrina e à Victória. O personagem se encontra perdido nas relações com as duas mulheres, aumentando, com isso, seu conflito interno. Diferentemente dessa relação, Paula entra na vida de Esteban para indicar o caminho que ele deve seguir, fazendo o papel de uma verdadeira “Fada Madrinha”, conforme ele mesmo a chamava. A iniciação para uma vida nova e exitosa começa na cama de Paula; é aí que o personagem começará a descobrir a própria força para enfrentar a vida no exílio.

Sendo assim, é possível concluir que o sistema globalizado leva o sujeito a se expandir por territórios diferentes e que, a partir de tal movimento, surge o desejo, concebido pelo pós-moderno, de ser um consumidor agressivo, ou seja, a ideia é de que quanto mais o sujeito consome, mais estará próximo da felicidade. Com isso, surge na sociedade pós-moderna a necessidade de locomoção como o único modo de estar ativo.

O desejo consumista mostra-se totalmente efêmero, já que depois de concretizar seus projetos tudo se mostra desvalorizado, desenvolvendo no indivíduo uma crise de identidade. Ele já não sabe a que veio; por isso, se sair de casa é relevante, manter a sanidade mental no exílio é de igual importância. Por isso, a presença do “outro” se torna imprescindível para que o sujeito mantenha a direção correta durante a sua caminhada na diáspora.

Conforme já mencionado por Bauman, estar em casa é não ter preocupações com conquistas, mas estar afastado da terra natal sempre traz insegurança. Devido a isso, Bhabha



aponta a importância das negociações culturais; para ele, as diferenças nesse âmbito tornam-se obsoletas quando as minorias se misturam pela cumplicidade. O que menos importa é a cultura a que se pertence, já que, em um mundo globalizado, onde todos estão à procura da expansão, o que mais se encontrará são pessoas passando pelas mesmas contingências. Dessa forma, os exilados passam a fazer parte de um só meio: todos passam ou já passaram por angústias.

No entanto, apesar de o exílio comportar uma estranha união entre imigrantes, na maioria das vezes o indivíduo se sente solitário, situação que o faz andar por caminhos obscuros antes de chegar ao destino eleito. A dor de estar longe de casa nem sempre tem relação direta com o patriotismo, mas com o fato de não poder manter-se economicamente em seu país de origem. Tal decisão é difícil de suportar, trazendo traumas que somente são vividos no exílio.

Assim, o sujeito que experimenta a diáspora não consegue fugir da crise identitária, pois sua vida começa a ser marcada por incessantes mudanças que vão além do territorial e abrangem o âmago do sujeito. O indivíduo troca a visão limpa do cotidiano e começa a enxergar uma paisagem turva, sem muita clareza, no exílio. O sujeito diaspórico anda pelo exílio perdido e com sentimentos inconstantes, mas sempre com o objetivo de encontrar seu caminho.

O exílio deforma o conceito que o indivíduo tem da realidade, alimentando a imaginação e o simbolismo de sua situação. Devido a esse olhar próximo do delírio, Esteban representará seus sentimentos de acordo com a nacionalidade e a relação que possui com as personagens Susi, Victoria, Sabrina e Paula. Ele mantém relacionamentos diferentes com cada uma, já que todas se distinguem por sua percepção do exílio. Assim, entre as quatro mulheres, Paula se destacará pela bravura e comiseração em função dos sentimentos de Esteban, devastados pelo exílio. Todas as mudanças que ocorrerão na vida do rapaz passarão pelas mãos dela. Inclusive em um período muito difícil por que ele atravessa, pensando não ter importância para ninguém, pode-se observar a conversa dos personagens, na qual Paula promete que a vida de Esteban irá mudar:

Eu preciso esperar que outras pessoas me aceitem ou queiram, e de momento a única coisa que posso escolher é desaparecer, não voltar a ligar para elas e inventar outra vida, algo para qual minhas forças não são suficientes, e ela disse, você tem a mim, eu posso ajudá-lo, eu vou lhe dizer uma coisa: se você fizer isso terá elas a seus pés, o importante é que você decida fazê-lo e que isso tenha um sentido na vida que você quer construir, [...] (GAMBOA. 2006. p. 234).

A presença de Paula na vida de Esteban será a grande ponte para que ele passe de uma vez por todas para a Paris dos sonhos, deixando do lado oposto o lugar cinza e frio ao qual chegou e no qual viveu desde então. Entretanto, a fim de chegar a tal conclusão, faz-se necessário, em um primeiro momento, conceituar os sentimentos internalizados no personagem: o amor e a segurança, a fragilidade, a paixão e, por fim, o autoconhecimento através do erotismo.

Depois de fazer um breve exame acerca do significado de cada sentimento sofrido pelo imigrante, torna-se relevante tratar em quais aspectos cada personagem pode ser identificada com as referidas emoções. E como tais emoções se interpõem no caminho do sujeito diaspórico, conferindo, assim, uma simbologia que adultera a identidade.

Dessa forma, torna-se imprescindível fazer uma releitura do significado das presenças de Susi, Victoria, Sabrina e Paula, na complexa passagem entre a perda e a reconstrução da identidade de Esteban. Somente por mergulhar na personalidade dessas quatro mulheres é que será possível entender a visão do personagem em foco em relação ao exílio. Com isso, descobre-se que a globalização só consegue manter-se alicerçada diante das relações fronteiriças.

O personagem de *A síndrome de Ulisses* representa, desse modo, o sujeito que sai a campo para aventurar-se, conforme já mencionado por Lukács (2009, p. 91), mas que necessita do “outro” como guia para seu caminho. Por isso, a importância de Paula na vida de Esteban compreenderá desde a sexualidade até a maneira de ele comportar-se diante dos desafios inerentes aos exilados.

Através da sexualidade Esteban tomará certas atitudes diante da vida. A partir de uma performance sexual mais intensa, o personagem deixará de uma vez por todas de ter a visão nostálgica da terra natal, relendo sua cultura de jovem pobre vindo do Terceiro Mundo e passando à condição de líder de outros imigrantes. Esteban chega ao exílio como um menino assustado, mas, com o passar do tempo, assume uma identidade forte.

Todas essas mudanças fazem parte do relacionamento do personagem com as jovens de nacionalidade africana, francesa, espanhola e colombiana. É nesse interstício cultural, em conjunto com muitos conflitos internos que Esteban, por fim, chegará a Paris. A partir daí, ele se firmará como um sujeito autônomo, tornando-se capaz de enfrentar seus problemas. E reconhecerá que a Paris dos sonhos existe, mas que não é tão perfeita quanto a dos cartões postais; entretanto, para que tudo isso ocorra, será necessário que, primeiramente, ele percorra os caminhos que Susi, Victoria, Sabrina e Paula lhe oferecerão.

### 3. RECONSTRUÇÃO E RECONCILIAÇÃO

Quando Lukács (2009) definiu o personagem do romance como um sujeito que se aventura pelo mundo, caracterizando-o pela trajetória independente, anulou a possibilidade de esse personagem realizar harmoniosamente o contato entre o mundo exterior e suas emoções. O personagem do romance está buscando por algo que, a qualquer momento, pode dissolver-se. Talvez tenha o desejo de encontrar uma paixão, ou fuja de um amor mal correspondido, ou procure uma simples aventura, ou ainda esteja seguindo um objetivo profissional; isso, na verdade, não importa. O que caracteriza o personagem de um romance é o fato de não serem poucas às vezes em que ele entra em choque com os seus ideais e a realidade que se lhe apresenta. A esse respeito, Lukács afirma:

O simples fato da busca revela que nem os objetivos nem os caminhos podem ser dados imediatamente ou que, se forem dados de modo psicologicamente imediato e consistente, isso não constitui juízo evidente de contextos verdadeiramente existentes ou de necessidades éticas, mas só um fato psicológico sem correspondente necessário no mundo dos objetos ou no das normas (2009, p. 60).

O romance como gênero comporta um sujeito que subverte as normas e muda, muitas vezes, o rumo de sua trajetória. O personagem dispõe-se a correr os riscos decorrentes de inúmeras aventuras e possui a intenção de alicerçar-se como protagonista de sua própria história. Dessa forma, torna-se evidente a semelhança entre a descrição de Lukács do referido tema e o personagem Esteban, de *A síndrome de Ulisses*. O romance em questão narra a viagem de um jovem colombiano rumo a Paris, o qual se desloca de Bogotá com a bagagem cheia de ideais. Durante o percurso, Esteban não se afasta apenas fisicamente do lar, mas também se distancia de sua identidade.

#### 3.1- O sujeito e o espaço

Pensar em identidade significava relacionar sujeito e nação; porém, com as contínuas migrações, isso se torna mais complexo. Com o afastamento da terra natal, o sujeito passa a internalizar outras culturas e isso o leva a formar uma nova identidade; logo, justifica-se que a preocupação com a identidade seja inevitável. Não há como negar que, em um mundo

globalizado, as culturas atravessem os limites fronteiriços. Devido a isso, o indivíduo é, a todo o momento, instigado a absorver diferentes culturas. Devido a isso, torna-se necessário estudar a identidade inserida em um contexto mais amplo. Katryn Woodward assim coloca:

Para justificar porque que estamos analisando o conceito de identidade, precisamos examinar a forma como a identidade se insere no “circuito da cultura” bem como a forma como a identidade e a diferença se relacionam com a discussão com a representação (Hall, 1997). Para compreender o que faz da identidade um conceito tão central, precisamos examinar as preocupações contemporâneas com questões de identidade em diferentes níveis (2009, p.16).

Analisar a identidade, conforme Woodward, implica estudar como o universo contemporâneo contribui para a formação dessa identidade. Embora o sujeito procure com tenacidade o autoconhecimento, hoje em dia ele não está seguro de quem realmente seja. Segundo a pesquisadora, a identidade tem sido motivo de preocupação constante: “Há uma discussão que sugere que, nas últimas décadas, estão ocorrendo mudanças no campo da identidade – mudanças que chegam ao ponto de produzir ‘uma crise de identidade’” (2009, p. 16).

A identidade está vinculada ao sujeito pela significação que ele dá ao meio onde vive. E em vista das constantes mudanças na sociedade contemporânea, o indivíduo passa a fragmentar sua forma de pensar. De acordo com Woodward, a todo o instante o sujeito vê-se compelido a mudar seu comportamento, seja para adquirir um bem material, para ascender no contexto profissional. Esse apelo da mídia faz com que ele se adapte à sociedade vigente, tendo sua identidade fragmentada:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (2009, p. 17).

Diante das considerações de Woodward, é possível pensar que o sujeito tem mudado sua identidade de acordo com a sua representação de mundo. Dentre as maiores modificações observadas atualmente, está a necessidade do deslocamento. O indivíduo pós-moderno sucumbiu ao modo itinerante de pensar; portanto, está em constante mudança.

O que mais tem contribuído para a fragmentação da identidade do sujeito está relacionado ao afastamento da terra natal. Aquele que se encontra afastado do lar enfrenta obstáculos

geralmente desconhecidos quando está em casa. Os perigos, as decepções e as novas formas de cultura acabam por mesclar a maneira de o personagem enxergar seus sentimentos no exílio. Por isso, o deslocamento de Esteban em direção ao exílio desconstruirá sua identidade e ele jamais será o mesmo rapaz que saiu de Bogotá.

Esteban sai de sua cidade natal movido pelo desejo de obter maior êxito profissional. A ideia que faz de Paris é a de que, nessa cidade, sua vida contará com a presença de muitos outros estudantes em situação semelhante à dele. O personagem imagina que o curso de doutorado será dinâmico e que todo o ambiente à volta contribuirá para que ele torne-se escritor. No seu pensamento, Paris é o lugar ideal para um jovem escritor começar sua vida; mas, ao chegar a Paris, passa a conhecer outra realidade. O que Esteban vê a sua frente não se comparava aos cartões-postais de uma cidade iluminada pelo encanto do luxo e das paixões. O personagem estava diante de um ambiente avesso ao que elegera para viver.

A cidade de Paris “esconde-se” de Esteban, e ele passa a ter um olhar lúgubre sobre a mesma. Isso ocorre pelo fato de o personagem viver a utopia de que no exterior está a felicidade. Para Esteban, é como se o exílio representasse a perfeição de vida, pois tudo sairia conforme o planejado. Viver em Paris tornou-se uma prioridade para o personagem. O sujeito somente pode sentir-se feliz se estiver em constante locomoção. Conforme bem-observado por Bauman, “ficar sentado, parado é a morte”. (1999. p. 91)

Atualmente, faz-se necessário percorrer distâncias para que o indivíduo tenha satisfação. Entretanto, paradoxalmente a isso, afastar-se de casa traz consigo sentimentos antagônicos. Não há como o sujeito viajante cortar os laços com a pátria e aceitar o novo lar ou ser aceito por ele imediatamente.

Devido a tantas mudanças, a identidade do sujeito também sofre um colapso. Por isso, é natural que ele tente manter a sua cultura ou sua rotina na diáspora; contudo, tal atitude comprometerá a real chegada à terra estrangeira. Esteban, exemplo de sujeito pós-moderno e, portanto, consumista, usa de alguns subterfúgios pelo medo de deixar por completo a terra natal; nesse ínterim, ele passa a usar uma simbologia muito particular para fugir das mudanças.

A primeira imagem que Esteban concebe de Paris é um pouco nebulosa, pois, ao entrar na referida região, o personagem sente um estranhamento, já que, para sua surpresa, tudo no exílio se mostrava insólito, e isso abarcava os amores, as paixões e a sobrevivência. Assim, o trauma que dá início à ruptura da identidade de Esteban ocorre com a perda do amor de Victoria que, somado à fome e ao frio, traz sensações amargas sobre o exílio. Esteban

comenta o assunto: “Dor, frio e desamor. O coquetel perfeito para não sobreviver” (GAMBOA, 2006, p. 14).

Para que se entenda melhor a significação do sentimento do personagem em relação à diáspora, faz-se necessário conhecer a personagem Victória. A moça foi namorada de Esteban e vivia em Madri; o relacionamento deles era baseado em um sentimento sereno: uma vez acostumados à rotina, viviam em paz até a decisão do personagem de sair de casa.

Com o afastamento de Esteban, todas as emoções mencionadas haviam chegado ao mesmo tempo: dor; frio e desamor; o fim da segurança emocional, rompida pelo desafeto entre ele e Victoria e o distanciamento do lar. A rotina, enquanto origem das certezas do sujeito, desapareceu de uma hora para outra. Amor e lar, como integrantes de um mesmo plano, já não existem mais. A relação entre o amor e o lar como representações de segurança pode ser analisada a partir das considerações de Bauman: “[...] A ideia do ‘perto’, por outro lado, representa o que não é problemático; hábitos adquiridos sem sofrimento darão conta do recado e, uma vez que são hábitos, parecem não pesar [...]” (1999, p. 21). Assim, estar em casa é estar perto sem precisar se preocupar com nada; isso porque não existem novidades nem o que buscar. Dessa forma, a relação entre Esteban e Victoria representava a despreocupação e o habitual.

Cotejando o lar e o amor, é possível pensar nesse sentimento como uma emoção tranquila, sem sobressaltos ou em uma situação realmente confortável, ainda que não se tenha a ousadia de rotular o referido substantivo sob um único conceito, visto que existem muitas formas de amor. Conforme Martha Craven Nussbaum<sup>24</sup>, o amor pode abranger vários âmbitos:

Entende-se habitualmente que o amor é uma poderosa emoção que implica uma intensa ligação a um objecto e uma grande valorização desse objecto. Em algumas acepções, contudo, o amor não implica, de todo, emoção, mas somente um interesse activo no bem-estar do objecto. Noutras situações o amor é essencialmente uma relação que implica permutação e reciprocidade, mais propriamente que uma emoção. Além disso, há muitas variedades de amor, incluindo o amor erótico-romântico, o amor da amizade e o amor filantrópico (1998).

Nussbaum não entende o amor como um conceito fechado; antes disso, a filósofa revela que ele pode depreender muitos significados. O que realmente importa para o

---

<sup>24</sup> Filósofa estadunidense, da Universidade de Chicago, e interessada em filosofia grega, romana, filosofia política e ética.

desenvolvimento da relação entre o amor de Esteban por Victoria e a pátria é que ambos remetem à segurança rompida pelo afastamento do personagem do lar. Nussbaum observa que, em geral, o amor está intimamente relacionado à valorização de algo. Ele pode ter relação não somente com objetos, mas com pessoas ou divindades que promovem o bem-estar do outro.

Paradoxalmente, tentando racionalizar o sentimento amoroso de uma forma concisa, é possível pensar no referido substantivo realmente como valorização de um objeto que o sujeito possui e não quer se desapegar. Devido ao tempo e à intimidade com que o sujeito se apega ao outro, à determinada divindade. A relação de amor passa ser de posse sobre um objeto. Há certa paz em saber que se pode fazer uso, a qualquer momento, do objeto amado. Esteban sentia-se perto de Victoria, que simbolizava a pátria, ainda que ele fosse colombiano e ela, espanhola. O tempo de convivência e a mesma raiz linguística fazia com que ambos se completassem. A relação entre os dois era como de nação e identidade, algo já considerado nas palavras de Hall (2009, p.28). O amor de Esteban por Victoria comportava o mesmo sentimento que ele tinha pela terra natal: um sentimento de segurança. As emoções do personagem sobre Victoria transcendiam a nacionalidade de fato, pois simbolicamente admitiam a rotina de sua vida e o que ele entendia por sentir-se em paz. Ter a companhia de Victoria significava estar em casa.

O amor que Esteban perdera ao chegar ao exílio o desequilibrava, pois o personagem não sabia mais onde estava sua identidade. Por isso, perambulava por vários bares, muitas ruas frias e escuras e pelas vidas de pessoas completamente desconhecidas. Sua única certeza é a de que a falta da presença de Victoria trazia conflitos semelhantes aos de estar longe de casa. Bauman discorre sobre o sentimento decorrente de afastar-se do cotidiano, afirmando:

Encontrar-se num espaço “longínquo” é uma experiência enervante; aventurar-se para ‘longe’ significa estar além do próprio alcance, deslocado, fora do próprio elemento, atraindo problemas e temendo o perigo (1999, p 20).

O rompimento entre Esteban e Victoria fazia parte desse contexto de medo e de deslocamento. O personagem, a cada instante, tornava-se mais frágil. A ideia que Esteban fazia do exílio se referia a ganhos, e a realidade, ao contrário, lhe mostrava perdas. Ele havia saído do local de comodidade e, com isso, as transformações tornaram-se inevitáveis. A casa onde morava trazia solidão, tristeza e representava um lugar onde os pensamentos inquietantes o desestabilizavam. As sensações sofridas por Victoria, igualmente não eram das

melhores, pois ela também tinha se apegado a Esteban, embora sabendo que aquele era um momento de mudanças para os dois. Afinal, era Esteban quem havia se retirado da zona de conforto. Ele é quem buscava novas experiências.

Ao conversar com outra personagem que, futuramente, seria um dos seus maiores desafetos, Esteban revela já ser sabedor de que, ao vir para Paris, sua relação com Victoria mudaria; o personagem diz: “[...] foi culpa minha, decidi vir para Paris sabendo que ia perdê-la, é espanhola e mora em Madri, o nome dela é Victoria” (GAMBOA, 2006, p. 63). Devido a isso, nada mais natural do que a figura de Victoria, enquanto prefiguração do conforto, também se retirasse.

Dessa forma, já sem uma função objetiva na vida de Esteban, Victoria passa a interessar-se por outro homem e admite, em sua terra, ou em seu corpo, outra cultura, um homem mais maduro. Entretanto, apesar da consciência de Esteban de que o afastamento de Victoria era consequência de ele ter decidido viver em Paris, quando recebia notícias da antiga namorada, voltava todo o sentimento de angústia e fragilidade:

Suas palavras me encheram de ansiedade e de raiva, pois até aquele momento estava em equilíbrio, tinha conseguido esquecê-la a ponto de minhas infelicidades terem outro nome, o de Sabrina. A aparição de Kadhim e a carta tinham transtornado tudo e outra vez sentia aquela diabólica opressão no peito, um forte desejo de desaparecer, anular-me ou não existir, [...] (GAMBOA, 2006, p. 159).

Esteban saiu de Bogotá, sua terra natal, e também abandonou sua pátria simbólica, Victoria, deixando a calma remetida pelo amor. Agora, vive a inconstância de não saber a que lugar pertence. Não obstante, o personagem já possui algumas estratégias, próprias do sujeito globalizado. Portanto, vai à busca da conquista das terras parisienses, tentando, em um primeiro momento, seduzir a francesa Sabrina. Embora, a princípio, não obtenha muito êxito, conforme observado pelo próprio personagem, na seguinte fala: “[...] a ponto de minhas infelicidades terem outro nome, o de Sabrina. [...] (GAMBOA, 2006, p. 159). Dessa forma, enquanto Victoria desperta uma simbologia em torno da pátria, Sabrina representa o que não foi conquistado. Ela é a porta de entrada para Esteban chegar a Paris.

Somente através do contato ou da penetração de Esteban no corpo de Sabrina é que, então, se dará a conquista do país de exílio. Mas essa empreitada não será de fácil acesso, pois Esteban é um sujeito sem identidade; assim, terá que primeiramente construí-la para somente então conseguir dominar o inimigo. Até o presente momento, ele se relacionara com



imigrantes como ele; ainda não tivera o ímpeto de conquistar uma francesa. Por isso, se entrega desmedidamente ao sexo, como luxo e gratidão, com uma prostituta africana:

Susi continuou carinhosa do mesmo jeito, deixou o casaco de lado e sentou no tapete. Depois abriu o zíper da minha calça e tirou a primeira coisa que encontrou (ou o que mais lhe chamou a atenção) e começou a chupá-la com seus lábios carnudos, e só se deteve para tirar a roupa, deixando ver o contraste entre a pele escura e a cor branca da sua calcinha... [...] (GAMBOA, 2006, p. 81, 82).

Esteban é um rapaz bastante jovem e fica impressionado com a desenvoltura sexual de Susi. Talvez nunca tenha se deitado com uma prostituta; por isso, a cada momento que tem relações sexuais com Susi, ele passa por experiências únicas:

Já deitados no colchonete vi-a fazer um número de circo, que foi tirar uma camisinha, rasgar o envelope e enfiá-la na boca. Depois engoliu o meu luxurioso e o incrível que ao devolvê-lo já estava com a camisinha colocada, na medida perfeita, uma coisa extremamente profissional (GAMBOA, 2006, p. 82).

O momento de prazer que Esteban vive com Susi não é tão passageiro quanto às sensações de uma relação sexual. Após o sexo tão casual, o personagem decifra as mensagens daquele momento que, para ele, é especial, pois seu envolvimento com Susi leva-o a crer que houve uma doação de afeto e desespero. Eis as emoções que Esteban estava sentindo no exílio, algo que havia sido projetado no ato sexual. Ele precisava da compaixão de Susi, mas também necessitava expressar suas angústias. E foi através de Susi que Esteban principiou a extravasar seus sentimentos:

O desejo de continuar vivo apesar de tudo ou a comprovação de que no mais subterrâneo e baixo, nos porões mais escuros, continuam sendo imitados os gestos da vida. Um sexo compassivo ou desesperado, mas que é sempre o melhor que alguém pode nos dar (GAMBOA, 2006, p. 82).

Esteban começa a entender que, para permanecer em Paris, é necessária a participação do “outro”. Apesar de parecer um paradoxo, quanto mais o sujeito se locomove por diversos territórios ou quanto mais ele se torna independente, mais necessitará de companhia. O ato sexual passa a ser uma forma de sentir-se humano diante de tanta miséria.

Para ele, no momento, o sexo significa luxúria e, por isso, dá o nome de luxurioso a sua genitália. No momento em que está na companhia de Susi, Esteban realmente se entrega aos prazeres da carne sem premeditar ou pensar no que isso pode resultar. Ele somente deseja

viver aquele momento como se fosse o último de sua vida. O rapaz se apaixona rapidamente, elaborando imagens da vida de um escritor com uma prostituta, mas tudo é momentâneo. Depois de desfazer-se dos sentimentos desesperadores através do sexo, volta para a realidade de que ainda não é escritor.

Esteban já possui alguma noção de que o sexo o faz tornar-se semelhante a outras pessoas que possuem melhores condições financeiras do que as dele. E é para isso que Susi está ali, pois ela representa a ideia de que o prazer pode ser sentido por qualquer pessoa. Esteban está no início do processo de autoconhecimento e ainda não entende que o fortalecimento de sua identidade ocorrerá através do erotismo. E tampouco percebe que, por estar longe de casa, é necessário ter alguma estratégia de sobrevivência.

Bauman argumenta: “[...] ‘longe’ significa estar com problemas – o que exige esperteza, astúcia, manha ou coragem [...]” (1999, p.21). Essas são algumas das características que faltam a Esteban; ele está longe e não possui coragem para enfrentar sua situação. Despreparado, rende-se aos encantos de Sabrina da mesma forma que se impressionara com o glamour de Paris. Esteban comenta a aproximação de Sabrina em sua direção.

Depois perguntou, você está livre no sábado? Ao ouvi-la senti uma agradável cosquinha no corpo, e disse sim, superlivre para o que for, e ela disse que bom, vou ao cinema com uns amigos, e pensei que talvez você gostasse de vir, o que você acha? Respondi que sim, então prometeu ligar no sábado para me falar onde a gente iria se encontrar. E nos despedimos (GAMBOA, 2006, p.64).

Ao receber o convite de Sabrina para ir ao cinema, Esteban se motiva, uma vez que havia se encantado pela francesa. Devido a isso, começa a longa espera pelo sábado, dizendo: “Finalmente o telefone trazia uma notícia boa. Meu quarto, o tapete branco e o colchonete, passou a ser o lugar de espera. Do que iria ser a terrível espera” (GAMBOA, 2006, p. 64).

Para Esteban, ter a atenção da mulher que desejava parecia amenizar o terrível trabalho no porão de um restaurante, o frio de sua residência e a pouca comida. Desabafa esse sentimento ao dizer que “Alguma coisa havia mudado e agora, nesse porão imundo, eu me sentia feliz”. (GAMBOA, 2006, p. 65). Contudo, a primeira tentativa de aproximação não teve o sucesso que ele imaginava, pois Sabrina, repentinamente, muda de ideia e se fecha para Esteban. Desiludido com a situação constrangedora por que havia passado, o personagem se recruta e, por isso, em uma festa de colombianos onde ambos se encontram, há uma certa alteração:

Quando chegou perto perguntou, com voz risonha, já passou a raiva? Respondi que não. Tome, falei, estou devolvendo. Se eu ligar outra vez você pode sair dizendo que eu a estou assediando. Ela ficou um pouco vermelha e deu um passo para trás, olhando de relance em volta dela. Disse que não lembrava de me ter dado o cartão (GAMBOA, 2006, p. 92).

Sabrina não se mostra intimidada com o jeito agressivo de Esteban, apesar de ficar um pouco ruborizada. Ela diz não lembrar que lhe havia dado o número do seu telefone. Sabrina inflama o desejo de Esteban e, depois, foge dele. O personagem sente-se confuso com a situação, pois não consegue conquistar Sabrina e ainda sofre com o abandono de Victoria.

A performance arrogante de Sabrina acende a ira de Esteban, sentimento que se torna ambíguo, pois apesar de o personagem passar a ter ressentimento em relação à francesa, também se sente atraído por ela. Assim, desejando o que não pode ter, revela-se apaixonado. E se formos pensar no conceito de paixão, tornam-se importantes as considerações do psicólogo Antoni Bolinches<sup>25</sup> (1999), em seu livro *El arte de enamorar*, que a define da seguinte maneira: “*Paixão*: inclinação ou preferência muito viva de uma pessoa a outra. / Qualquer perturbação ou afeto desordenado do ânimo”<sup>26</sup>. Esteban está transtornado com o fato de não ter conseguido subjugar Sabrina, o que tem o mesmo sentido de não haver chegado a Paris.

O personagem não consegue assimilar o que está ocorrendo em sua vida. Suas permanentes queixas traduzem um sujeito sem poder, mas que tenta passar a imagem falsa para Sabrina de que é um conquistador. Todas as relações com as diferentes mulheres ainda estão muito associadas à baixa autoestima.

Por esse motivo, mostra grande dificuldade em começar a escrever, em falar a respeito de seus planos a outros escritores e em entender que não é o único a passar por adversidades. Ao dialogar com outros imigrantes, a maioria ilegais, Esteban sempre se enxerga em uma situação desafortunada. Assim, o sexo é resultado do desespero, do abandono e do rechaço por parte de Victoria e de Sabrina, emoções ligadas ao não pertencimento: Esteban não tem mais a antiga pátria e nem conseguiu um lugar no exílio. No momento, tem somente a companhia de Susi, com um erotismo de compaixão, mas ele precisa mais do que uma relação compassiva: precisa aprender a defender-se no exílio.

---

<sup>25</sup> Psicólogo clínico, sexólogo e mestre em sexualidade humana. Membro da Academia das Ciências Médicas de Cataluña e Baleares e fundador do instituto que leva seu nome, dedicado à difusão da psicologia humanista. Atualmente divide seu tempo entre a prática clínica e o trabalho pedagógico e divulgador. É autor de vários livros de psicologia e autoajuda e colaborador habitual de Catalunya Rádio.

<sup>26</sup> *Pasión*: Inclinação o preferencia muy viva de una persona a otra. / Cualquier perturbación o afecto desordenado del animo.

### 3.2- Sexualidade e reconstrução

Sua situação começa a mudar a partir do momento em que ele conhece Paula, em uma festa promovida pelos imigrantes colombianos; ao terminar a noite, acabam na cama da personagem.

Uma hora depois também nós dois saímos, e quando chegamos ao seu apartamento, perto da rue du Bac, soube que era de família rica. Tinha uma caixa de camisinhas já começada na mesinha ao lado da cama e ficamos fazendo amor até muito depois do amanhecer, hora em que levantou, trouxe dois copos de água e umas aspirinas, fechou as janelas e voltou a deitar ao meu lado para dormir, profundamente, como qualquer casal que chegou ao limite, e quando acordei abraçado com ela e vi que eram quatro da tarde e que o céu já estava escuro nesta Paris invernal, me senti estranhamente feliz (GAMBOA, 2006, p. 40).

Esteban inicia um relacionamento de sexo e cumplicidade com Paula, uma jovem colombiana pertencente à classe alta, que se mudou para Paris e vive no contexto efêmero do pós-moderno. Acerca da vida no exterior, ela comenta: “Não sou exilada nem imigrante, nada disso”. (GAMBOA, 2006, p. 41) De acordo com a personagem, a vida no exterior remete ao aprendizado, pois é onde ela estudará o idioma francês e aproveitará a vida antes de voltar à Colômbia para se casar com Gonzalo. Conta que seu nome não é Paula e que apenas adotou o codinome para esconder a identidade, ou talvez para se tornar outra pessoa enquanto estiver distante do lar: “Meu nome verdadeiro não interessa, ou melhor, prefiro não dizer, nem a você e nem a ninguém, pois aqui em Paris eu me batizei de novo”. (GAMBOA, 2006, p. 41)

A situação de Paula é bastante confortável, já que é turista e rica e não possui comprometimento com Paris e nem com os meios de sobrevivência. Para ela, tudo faz parte do autoconhecimento. Devido a isso, está aberta para todas as possibilidades de relacionamentos. Segundo seu pensamento, a vida tem que ser aproveitada de forma intensa. As emoções desfrutadas por Paula são atribuídas às diversas performances sexuais, quando ela cresce em personalidade e leva consigo Esteban. A personagem fala sobre suas atitudes ao amigo: “Agora quero explorar a vida e conhecer meu corpo, e é nessa busca que estou” (GAMBOA, 2006, p. 114). Os desejos da turista envolvem o conhecimento de vida, que ela obtém através do sexo, e Paris, pela condição de centro cosmopolita, é o lugar ideal para haver o contato com o “outro”. E, apesar de estar longe de casa, não teme nada, já que goza de uma situação privilegiada. Bauman se refere aos turistas da seguinte maneira:

Os turistas tornam-se andarilhos e colocam os sonhos agridoces da saudade acima dos confortos do lar – porque assim o querem ou porque consideram essa a estratégia de vida mais racional “nas circunstâncias” ou porque foram seduzidos pelos prazeres reais ou imaginários de uma vida hedonística (1999, p. 100).

Paula é dona de uma personalidade muito forte: embora também esteja procurando uma nova identidade, não se deixa prender pelo medo. É através dela que surgem os momentos dionisíacos e é por sua ajuda que Esteban entra em Paris. Paula necessita de prazer, possuindo uma alma que se integra com o corpo, ou seja, corpo e alma atuam juntos. E no prazer que extrai do sexo é que ela demonstra interesse pela vida e por seus semelhantes, revelando a Esteban o que lhe impulsiona em direção à independência: “[...] eu cheguei à poesia através do sexo, isso você sabe, o sexo tem sido meu caminho, através dele estou aprendendo a viver uma vida própria, entendeu? [...]”. (GAMBOA, 2006, p. 233). Assim, por ter uma alma liberta, Paula também concede autonomia ao corpo e, juntos, alma e corpo trabalham numa perspectiva interativa, conforme oportunamente lembra, Judith Butler, remetendo a Foucault<sup>27</sup>:

Em *Vigiar y castigar*, Foucault sustenta que a “alma” chega a ser um ideal normativo e normalizador, de acordo com o qual se forma, se modela, se cultiva e que se concebe o corpo; é um ideal imaginário historicamente específico (*ideal speculatif*) na maneira como se materializa efetivamente o corpo. Ao considerar a ciência da reforma que afiança, Foucault escreve: “o homem do que se nos fala e ao que se convida a liberar, é em si mesmo o efeito de uma sujeição (*assujettissement*) muito mais profunda que ele mesmo, tem uma alma que o habita e lhe dá existência e que em si mesma um fator do domínio que exerce o poder sobre o corpo. A alma é o efeito e o instrumento de uma anatomia política: a alma é a prisão do corpo (2010, p. 62,63 apud FOUCAULT).

Paula é a expressão das palavras ressaltadas por Butler, pois a personagem possui uma alma que não aprisiona o corpo. Esta, por sua vez, viaja entre muitos outros corpos e dedica-se à alfabetização performática de Esteban. O prazer de Paula, relacionado ao sexo, à literatura e à generosidade para com seus amigos, faz dela uma mulher atuante em um universo masculino. Ela é quem dita as regras e confronta-se a todo o momento com desafios;

---

<sup>27</sup> En *Vigilar y castigar*, Foucault sostiene que el “alma” llega a ser un ideal imaginario históricamente específico (*idéal speculatif*) hacia el cual se materializa efectivamente el cuerpo. Al considerar la ciencia de la reforma carcelaria, Foucault escribe. “El hombre del que se nos habla y al cual se invita a liberar, es ya en sí mismo el efecto de una sujeción (*assujettissement*) mucho más profunda que él mismo. Tiene un alma que lo habita y le da existencia y que es en sí misma un factor del dominio que ejerce el poder sobre el cuerpo. El alma es el efecto y el instrumento de una anatomía política; el alma es la cárcel del cuerpo.”

por isso, na relação dos dois, é ela quem detém o falo, já que também é quem domina a relação. A esse respeito, adverte Butler<sup>28</sup>:

No entanto, ao devolver ao pênis esta propriedade fálica, Freud enumera uma série de analogias e substituições que afirmam retoricamente a personalidade fundamentalmente transferível dessa propriedade. Na realidade, o falo não é a construção imaginária do pênis nem a validade simbólica de que o pênis é uma aproximação parcial. Porque esta formulação implica confirmar o falo como protótipo ou propriedade idealizada do pênis. Não obstante, a trajetória metonímica do próprio texto de Freud, surge claramente que a ambivalência característica de qualquer construção do falo não corresponde exclusivamente a nenhuma parte do corpo, mas sim que é fundamentalmente transferível e é, pelo menos no texto de Freud, o princípio mesmo da transferibilidade erógena (2010, p. 102).

Cotejando a situação de Paula com a referência da transferência do falo, descrito no texto de Freud e elencado por Butler, observa-se que a personagem colombiana possui internalizado o domínio remetido ao falo. O erotismo de Paula é o que comanda seus parceiros. Além disso, para ela, controlar o ato sexual significa direcionar Esteban à felicidade. Por isso, ao conversarem a respeito, assim diz:

- Para você, em compensação, o sexo é uma forma de juntar forças e recuperar a autoestima. Por viver do jeito que você vive, com tanto esforço, você tende a andar com o animo lá no chão, estou errada? (GAMBOA, 2006, p. 234)

Paula é adorada por todos que a conhecem, e não por acaso: é autônoma e decidida. Ela é a representação do poder que os *vagabundos* tanto admiram. Trata-se de uma mulher que une o poder das riquezas a sua personalidade forte e atua sem constrangimento. Isso ocorre porque ela determina sua vontade e impõe-se em função de seus prazeres, tendo as próprias opiniões sempre como corretas. Acerca do referido assunto, Bauman esclarece:

O objeto de adoração é agora a própria riqueza – a riqueza como garantia de um estilo de vida mais extravagante e pródigo. O que importa é *o que se pode fazer*, não *o que deve ser feito* ou *o que foi feito*. Universalmente adorada nas pessoas ricas é a sua maravilhosa capacidade de escolher como levar a vida, os lugares onde viver, os

---

<sup>28</sup> Sin embargo, al devolverle al pene esta propiedad fálica, Freud enumera una serie de analogías y sustituciones que afirman retóricamente el carácter fundamentalmente transferible de esa propiedad. En realidad, el falo no es ni la construcción imaginaria del pene ni la valencia simbólica de la que el pene es una aproximación parcial. Porque esta formulación implica confirmar aún el falo como prototipo o propiedad idealizada del pene. Sin embargo, de la trayectoria metonímica del texto mismo de Freud, surge claramente que la ambivalencia característica de cualquier construcción del falo no corresponde exclusivamente a ninguna parte del cuerpo, sino que es fundamentalmente transferible y es al menos en el texto de Freud, el principio mismo de la transferibilidad erógena.

companheiros para partilhar esses lugares e de mudar isso à vontade e sem esforço – o fato de que nunca parecem alcançar pontos sem retorno, de que não há um fim visível para suas reencarnações, de que seu futuro parece mais rico em conteúdo e mais atraente do que seu passado e, por fim, mas não menos importante, de que a única coisa que parece interessar-lhes é a gama de perspectivas que sua riqueza abre para elas (1999, p. 103, 104).

As perspectivas de Paula incluem não só seu aprendizado de vida mediante as orgias sexuais e drogas, mas também a doação de seu tempo e de sua experiência a Esteban. Com o surgimento de Paula, representando a pátria sob uma nova ótica, Esteban, enfim, começa a reconhecer-se novamente. Acerca dessa revisão no olhar dele, em função da terra natal, encontram-se as teorias de Hall, sustentando que as culturas devem ser “retrabalhadas” (2009, p. 39). Dessa forma, com a presença da Colômbia em território parisiense, ocorre a reformulação de Esteban em relação ao seu país e à sua identidade.

Paula é uma mulher excêntrica e decidida e já experimentou todas as formas de prazer: o sexo, o sadomasoquismo, a literatura, os diferentes tipos de drogas e até mesmo a prostituição. Ela precisa do sexo para descobrir-se, saber o que realmente deseja da vida, viagem na qual Esteban embarcará também:

Fico contente, eu faço isso para aprender, saber quem sou, pois minha vida muda todo o dia, o sexo e agora a poesia... Cada segundo que passa, desde que cheguei a essa cidade, sou uma pessoa melhor, mais livre e segura. Vai ser difícil voltar para Bogotá. Já não sei qual dessas duas vidas é realmente a minha, mas preciso vivê-las até o fim e não penso em parar, por isso gosto que você esteja por perto, que me acompanhe sem me julgar. Você é o único que pode me entender, e eu a você (GAMBOA, 2006, p. 203, 204).

Paula deriva seus impulsos sexuais de uma necessidade da alma e alimenta a sua interioridade com o desejo sexual. É através de seus sentimentos que conduz o próprio corpo, embora ainda esteja no início de suas descobertas, por isso sua alma tem impulsionado seu corpo a atuar incessantemente. Sobre a relação entre alma e corpo, argumenta Michel Foucault:

A alma racional tem, portanto, um duplo papel a desempenhar: ela terá que fixar para o corpo um regime que seja efetivamente determinado pela natureza do corpo, suas tensões, o estado e as circunstâncias em que se encontra; mas ela só poderá fixá-lo corretamente com a condição de ter operado sobre si mesma todo um trabalho: ter eliminado os erros, reduzido as imaginações, dominado os desejos que lhe fazem desconhecer a sóbria lei do corpo (2009, p. 136).

Paula ainda não possui uma alma racional, mas está muito perto de conseguir encontrar um equilíbrio entre corpo e interioridade. Ainda conforme Foucault, que cita Rufo, “O melhor é que o homem se entregue às aproximações sexuais quando for pressionado ao mesmo tempo pelo desejo da alma e pela necessidade do corpo” (2009, p. 137). Paula sente a pressão mencionada pelo teórico e, assim, continua sua busca pela plenitude. Enquanto isso, ela está determinada a ajudar Esteban a fazer as mesmas descobertas. E é através da sexualidade que a personagem o fará ressurgir.

Habitualmente erotismo e interioridade não são relacionados, pois o erótico remete ao que os olhos podem ver e à exploração dos sentidos. Apesar de parecer um paradoxo, o erótico tem maior relação com a interioridade do sujeito do que com o exterior, pois a significação do ato sexual está no profundo conhecimento da própria pessoa. Referente ao ponto em questão, Georges Bataille assim coloca:

O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Nós nos enganamos a seu respeito porque ele busca incessantemente fora um objeto de desejo. Mas esse objeto responde à interioridade do desejo (2004, p. 45).

Paula relaciona o erotismo ao mais profundo conhecimento do ser humano. Para ela, tudo o que o indivíduo deseja alcançar, ou todas as ambições materiais e formas de sedução, estão em função do sexo:

Homens e mulheres querem seduzir e o fim último da sedução é o sexo, concorda? O sexo é orgasmo e ejaculação e esperma que vai até a vagina e depois sai, e ao fazê-lo, cai onde?, pois nessa calcinha entendeu? Todo o vinho e as comidas exóticas e as palavras românticas ou as piadinhas lúbricas, os poemas de amor e a grana gasta em roupa e automóveis e academias, toda essa massa incalculável de atividade e consumo que gira em torno da sedução, no final se converte nisso: uma mancha numa dessas calcinhas, gostou da minha teoria? (GAMBOA, 2006, p. 193).

Assim, pelo viés do erotismo, Paula e Esteban passam por modificações internas permanentes. Paula conclui que não deseja voltar a Bogotá para se casar com Gonzalo e Esteban se tornará autônomo. A cada dia, os dois tornam-se mais íntimos. A personagem promete ao rapaz que lhe ajudará a conseguir tudo o que deseja, ou seja, principalmente conquistar muitas mulheres:

Não fique pagando mico pra essa francesa sacana, o mundo está cheio de gente esquisita e diferente, não julgue, [...]. também disse que ia me ajudar a encontrar uma



mulher ou muitas, se era isso que eu estava querendo. Você vai ver, não vai saber o que fazer com elas (GAMBOA, 2006, p. 71).

Paula é a personagem que retira Esteban de seus momentos depressivos, envolvendo-o em suas loucuras sexuais e nos delírios literários. Durante tais momentos, começa a ocorrer a morte do sujeito frágil e inicia a jornada de um outro indivíduo, pois em cada orgasmo sentido por ambos, eles morrem e renascem várias vezes. Bataille assim comenta a relação entre vida, morte e sexo:

É preciso muita força para perceber a ligação entre promessa de vida, que é o sentido do erotismo, e o aspecto luxuoso da morte. A humanidade está de acordo em desconhecer que a morte é também a juventude do mundo. Com a venda sobre os olhos, recusamo-nos ver que a morte sozinha assegura um constante reflorescimento sem o qual a vida declinaria. Recusamo-nos a ver que vida é a armadilha oferecida ao equilíbrio que ela é inteiramente a instabilidade, o desequilíbrio no qual ela se precipita. É um movimento tumultuoso que atrai incessantemente a explosão (2004, p. 92).

O erotismo é a resignificação da vida, à medida que, por meio da relação sexual, o sujeito morre para a vida antiga, ressurgindo daí um indivíduo renovado. Essa ocorrência dá-se quando Paula e Esteban se unem em um só corpo, e ambos se resignam durante o clímax do ato sexual. Apesar de a atividade sexual ser aceita somente dentro dos padrões do casamento, é possível dizer que as relações de sexo entre os referidos personagens são necessárias. No erotismo, Esteban começa a descobrir o que realmente deseja para si e a reconstruir sua identidade.

O erotismo de Paula possui uma significação diferente daquele manifestado por Susi, já que esta mantém relação sexual com Esteban baseada na compaixão e no desespero. Enquanto Paula usa o ato sexual como descoberta e experiências. Ao seduzir Esteban, tenta trazer-lhe à vida. E embora o erotismo, habitualmente, não seja identificado como a solução para uma nova identidade e seja condenado pela Igreja, é através dele que o personagem se desfaz para depois reconstruir-se. Perdendo a respiração para, em seguida, retomá-la, é que o sujeito morre e volta a viver. Com relação ao ponto em discussão, Bataille afirma:

A atividade erótica não tem sempre abertamente este aspecto nefasto, ela não é sempre esta fenda; mas profunda e secretamente, uma vez sendo o próprio da sensualidade humana, essa fenda, é a energia do prazer. O que, na apreensão da morte, tira o fôlego, o que, de alguma maneira, no momento supremo, deve cortar a respiração (2004, p. 164).

Em Paula, a relação de morte e renascimento é explícita a todo o momento, enquanto que, para Esteban, tudo ocorre aos poucos. Ele segue as orientações sexuais de Paula sem contestá-la, enquanto ela submete-o a vários sacrifícios sexuais, a fim de que ele se liberte da fragilidade. No entender de Bataille, o ato sexual e o sacrifício seguem a mesma ordem de morte:

O que o ato de amor e o sacrifício revelam é a carne. O sacrifício substitui a vida ordenada do animal pela convulsão cega dos órgãos. O mesmo acontece com a convulsão erótica: ela libera órgãos plétóricos dos quais os jogos cegos se desenrolam além da vontade pensada dos amantes. A essa vontade pensada sucedem-se os movimentos animais desses órgãos intumescidos de sangue. Uma violência, que a razão não controla mais, anima esses órgãos, ela os tenciona em direção ao rompimento e, subitamente, ceder a superação dessa tempestade é a alegria dos corações (2004, p. 143, 144).

Paula, ao sacrificar o personagem a cada relação sexual, começa a trabalhar a elevação da autoestima de Esteban. Ele não compreende onde a personagem deseja chegar ao valorizar tanto o erotismo. Esteban ainda possui uma visão muito simplista em relação ao sexo e à vida. Ele vive na periferia das próprias emoções e não se conhece o suficiente para entender que sua sobrevivência depende de sua sexualidade e, portanto, de seu desempenho diante dos obstáculos. Há visivelmente a dificuldade de ele perceber que está traduzindo apenas o exterior de sua personalidade. Por isso, torna-se necessário conhecer a obscuridade das fantasias sexuais de Paula para que, enfim, possa ter a consciência profunda de sua existência. As palavras de Bataille são significativas nesse sentido:

Assim, é somente a partir da maldição, pelo desconhecimento da vida sexual, que a consciência nos é dada. Aliás, o erotismo, não é o único a ser afastado desse movimento: não temos a consciência imediata de tudo que é em nós irreduzível a simplicidade das coisas (a dos objetos sólidos). A consciência clara é, antes de tudo, a consciência das coisas, e o que não tem a clareza exterior da coisa não é claro em primeiro lugar. Só chegamos tardiamente, por assimilação, à noção dos elementos aos quais falta a simplicidade dos objetos sólidos (2004, p. 253, 254).

Assim, Esteban somente terá domínio sobre a sua vida à medida que experimentar a desmedida do sexo; não de um sexo baseado no simples desejo, mas naquele imposto pela morte e vida do sujeito que se lança ao desconhecido. Seria, então, experimentar o erotismo ao extremo, abrir-se para o abismo dos sentidos, enfrentar a consciência para chegar ao inconsciente e tornar-se outra pessoa.

Esteban, por ter apenas uma consciência primitiva de si, percebe as propostas sexuais de Paula de forma abrupta, o que lhe causa estranheza. Assim, a personagem sugere que a

iniciação sexual rumo ao desconhecido ocorra com uma mulher que pertença à outra cultura. Esteban teria que conhecer novas nações antes de firmar-se no exílio.

Ao abrir a porta Paula perguntou em espanhol, gostaria de comer a minha amiga? Não soube o que responder com a turca na minha frente, sorrindo e sem entender, então falei em francês, obrigado, tenho que ir, mas Paula insistiu, ouça aqui, não gostou dela?, e eu disse, claro que sim, mas precisa perguntar para ela também, você não acha? (GAMBOA, 2006, p. 113)

As atitudes de Paula vão surpreendendo Esteban, mas, concomitantemente a isso, o personagem começa a aumentar sua autoestima, pois está sendo solicitado por uma mulher que nem o conhece. Esse fragmento do romance deixa claro que os métodos de Paula não são nada ortodoxos, mas em função de sua personalidade impetuosa é que Esteban começará a conhecer outras formas de vida no exílio. A sexualidade tem grande importância na vida dos personagens: o próprio Gamboa relatou a Adriana Cortés (04-2010) o seguinte: “o sexo é importante para os meus personagens”. E pode-se observar que a questão sexual, para Esteban, está muito ligada ao domínio territorial, sendo abordada por ele, no relato do que sentiu ao manter relações sexuais com Yoglú<sup>29</sup>:

Nua da cintura para baixo pegou algumas toalhas, estendeu no chão e deitou em cima, de barriga para cima. Ao ver seu púbis me veio uma ideia peregrina e pensei, por esse orifício vou entrar no Islão, essa fenda na carne de Yuyu vai me batizar numa nova fé (GAMBOA, 2006, p. 118).

Em um primeiro momento, a significação da sexualidade, na vida de Esteban, configura-se como gratidão ou desespero. Porém, à medida que Esteban começa a conhecer melhor o próprio corpo, o sexo toma outra proporção, criando novas perspectivas de vida ao rapaz. A função de Paula é usar o erotismo como via para o rapaz repensar suas atitudes:

Sabe como chamo a minha xoxota? Olhei para ela curioso, esperando sua resposta, e ela disse, eu a chamo de “Joana a Louca”, coloquei esse nome porque tem seu próprio cérebro e seus caprichos e eu sou sua escrava, a abelha operária que leva mel à rainha, a princesa demente que me dá prazer e me ensina coisas, me mostra o mundo e como são os outros. [...] e então falou, você não pôs nome no seu? (GAMBOA, 2006, p. 126).

---

<sup>29</sup> Yoglú é chamada pelos amigos de Yuyu.

Paula refere-se ao seu órgão sexual como parte integrante de sua identidade. O órgão sexual simboliza sua interioridade, os dois unem-se formando a mulher, Paula: é como se os seus sentimentos fossem comandados pelo corpo. Ela está trilhando o caminho em direção ao futuro através do sexo. Assim, define-se pela sua sexualidade muito aflorada, e pretende que Esteban chegue ao mesmo patamar. Insiste com Esteban para que ele ~~tenha~~ dê um nome ao próprio pênis:

Vamos lá, invente um, por favor, mas um bom você gosta tanto de ler. Não sei, falei eu, não tinha pensado nisso, às vezes o chamo de “o luxurioso”, mas ela protestou, não, tem que ser um nome de verdade, vamos lá pense em algum. Pensei um tempo e disse: tem um nome numa novela de Anthony Burgess que talvez sirva, qual? perguntou ela, e lhe respondi, Holofernes (GAMBOA, 2006, p. 126).

Esteban não poderia ter encontrado nome mais apropriado para seu membro: Holofernes tinha sido um capitão assírio que havia escravizado o povo judeu. Ao utilizar-se do nome do conquistador, Esteban internaliza sua força, dando uma identidade ao seu órgão sexual. A partir de então, sua atitude em relação ao sexo começará a mudar. Butler lembra que o nome próprio não só nomeia, mas também identifica o objeto<sup>30</sup>.

Como Lacan, Kripke entende que o nome próprio assegura a identidade do objeto ao longo do tempo; o nome próprio é referencial e a identidade a que se refere não pode substituir-se mediante uma série de descrições. A frase de Lacan poderia ser válida também no caso de Kripke: “a palavra, a palavra que nomeia, é o idêntico” (2010, p. 221).

A troca do nome da genitália de Esteban começa a fazer sentido, por ser com tal atitude que o personagem inicia a reconstrução de sua identidade. Ele não opera mais na presença do medo; ao contrário, enfrenta a situação com Sabrina e com Victoria e, quando solicitado por amigos necessitados, age sem titubear. Também não foge mais das ideias de Salim, colega de doutorado e da experiência de conhecer outros escritores, quando poderia falar de seu romance. Antes Esteban recolhia-se aos sentimentos pessimistas, mas agora atua em favor dos próprios objetivos. Todo o refinamento na identidade dele ocorre sob os olhares de Paula.

---

<sup>30</sup> Como Lacan, Kripke entiende que el nombre propio asegura la identidad del objeto a lo largo del tiempo; el nombre propio es referencial y la identidad a la que se refiere no puede sustituirse mediante una serie de descripciones. La frase de Lacan podría ser válida también en el caso de Kripke: “La palabra, la palabra que nombra, es lo idéntico.

Depois de muito observar as performances sexuais de Paula, Esteban começa a reagir. O papel do personagem torna-se tão importante que ele une as vidas de imigrantes ricos e pobres. Um desses momentos é quando Saskia, uma prostituta, após ter-se drogado muito a ponto de ficar quase à morte, é atendida por Deborah, imigrante húngara e funcionária do laboratório Bayer. As amizades de Esteban pertencem a diferentes universos, mas se unem com a mesma perspectiva; na visão de Bhabha, esse acontecimento é entendido como a necessidade de viver em negociações comunitárias. A cumplicidade entre as pessoas ocorre pelo fato de todos estarem na mesma situação:

É na emergência dos interstícios – a sobreposição e o deslocamento de domínio da diferença – que as experiências intersubjetivas e coletivas de *nação* [*nationness*], o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados (2010, p. 20).

As transformações na identidade de Esteban são evidentes a partir do momento em que ele passa a assumir um compromisso com seus companheiros de exílio, que estão numa situação mais difícil do que a dele, como é o caso de Jung. No início da amizade entre os personagens, o coreano era quem o aconselhava; com o passar do tempo, entretanto, Esteban é quem auxiliava Jung em sua enfermidade.

Essas são apenas algumas evidências de que Esteban cresceu no exílio, e de que tudo ocorreu pela ação de Paula. Da periferia, ele passa ao centro, e seus amigos sabiam que podiam contar com ele. O personagem também sofreu mudanças no âmbito profissional, ao se lançar em direção ao seu sonho de ser escritor e daí garantir a sobrevivência:

E eu disse, o senhor Julio Ramón Ribeyro?, e ele respondeu, sou eu, quem fala? então eu disse, o senhor não me conhece, sou um leitor colombiano, gostaria de lhe pedir uma entrevista [...] então ele disse, pois olhe, a verdade é que estou um pouco deprimido esses dias, se quiser o senhor ligue na semana que vem e então veremos [...] (GAMBOA, 2006, p. 319)

Assim, Esteban imprime a primeira tentativa de conquistar seu objetivo, mas não logra sucesso. Entretanto, ao perder um dos empregos que lhe rendia muito, avança em direção a sua sobrevivência, tomando uma atitude agressiva em relação ao próprio futuro:

Fui até um café na esquina para tomar um vinho, tentando esquecer o episódio, e então lembrei do Ribeyro. Ainda tinha o telefone dele e já haviam passado vários dias, então desci até um aparelho de moedas (nos bares desta cidade ficam sempre ao lado do mictório). A campainha chegou a tocar umas dez vezes até que alguém atendesse e de

novo era ele, com sua voz frágil e aguda, alô? Cumprimentei e disse, sou o jornalista colombiano do outro dia. Mas ele repetiu a frase anterior: estou muito deprimido, peço-lhe o favor de ligar na semana que vem. Então eu lhe disse, eu também senhor Ribeyro, eu também estou muito mal, desculpe, adeus. [...] Espere, espere, o que aconteceu com você? Perdi um trabalho importante, murmurei, só isso. Houve um silêncio na linha e então ele disse: isso muda tudo, espero você amanhã às sete (GAMBOA, 2006, p. 335,336).

Conforme lemos na citação anterior, Esteban consegue a atenção de Ribeyro e a aproximação entre os dois representa nova oportunidade de trabalho para o imigrante colombiano. Juntamente com essa mudança, ocorre a repentina aproximação de Sabrina, que agora deseja receber Esteban em seu território. Porém isso não é tudo: Victoria também volta a procurar pelo personagem, decidida a deixar seu atual namorado e viver ao lado dele. A partir desse momento, Esteban começa a adentrar na tão desejada Paris. E como prêmio por adquirir uma identidade forte, ele ganha um momento de prazer com Paula e Yoglú, havendo, assim, o encerramento da função de Paula na vida do rapaz, na demonstração de o quanto o erotismo tem uma significativa representatividade na identidade do sujeito:

E quando Paula recostou-se no sofá e, abrindo as pernas, me disse, enfia, Yoglú deslizou em cima dela e a chupou, e continuou chupando, enquanto Holofernes se internava nas rosadas carnes paulinas, criando um ritmo, uma luxuriosa prosódia [...], tudo isso eu vi até que Paula gritou, seguido pelo assalto de guerra de Holofernes, o que nos permitiu atacar juntos a instambulita até fazê-la gritar algo incompreensível, um suspiro trágico [...] (GAMBOA, 2006, p. 350)

A alma de Esteban é outra; portanto, seu Holofernes atua como um verdadeiro conquistador, voltando a antigos territórios e levando seus despojos. Através da sexualidade bem-direcionada, Esteban entra na cidade de Paris vitorioso. E seu poder chega ao clímax quando é ele quem leva as cinzas de Jung até a esposa do coreano, no aeroporto, juntamente com sua amiga Susi.

Dessa forma, o romance de Gamboa, por falar da vida (MUIR, 1928, p. 3), fica em aberto, já que a vida continua, mesmo sem alguns personagens, como no caso de Jung. Entretanto, o romance comporta o que é de mais natural: os amores, as decepções, os sonhos, a sobrevivência, para mencionar apenas alguns pontos relacionados à realidade de cada personagem.

O romance aborda a trajetória do homem pós-moderno que se perde no universo globalizado, esquecendo-se de sua identidade, desconstruída pelo não pertencimento. O sujeito, ao deixar o lar, entra em conflito e torna-se fragilizado a ponto de não ter forças suficientes para ingressar no país dos sonhos. A demora em realizar seu desejo corrompe o

olhar do exilado, tornando-o lúgubre. Contudo, a partir do contato com o “outro”, a situação, que antes era insustentável, passa a mudar.

Nesse sentido, o principal aditivo para que Esteban retome sua vida está no erotismo de Paula: é somente por meio do conhecimento dos sentidos que o personagem passa a reconhecer-se. E mais: é pelo processo de sedução que o personagem deixa, de uma vez por todas, o simbólico e rotineiro lar, representado por Victoria, e se lança em direção à conquista de Paris. Assim, depois de penetrar Sabrina, Esteban se sente forte e capaz de realizar tudo o que desejar. A relação entre sexo e poder está firmada na atuação de Paula, a poderosa turista, que pode satisfazer todos os desejos e, por generosidade, carrega Esteban em uma viagem alucinante.

O rapaz, que havia chegado tão frágil ao exílio, consegue suportar as mazelas da diáspora e torna-se um guerreiro cheio de honras. Esteban deita na cama de Paula apenas como um luxurioso e levanta como um Holofernes; com isso, por intermédio do erotismo experienciado na casa de Paula, ele chega a concretizar seus objetivos. A ruptura com a velha personalidade, então estabelecida, dá-se de forma permanente.

Paula utiliza-se do erotismo para impulsionar Esteban ao autoconhecimento. O personagem, até então, só havia experimentado o sexo como gratidão ou como luxo para quem nada possuía. A partir de agora, tudo muda, pois o sexo passa a estar diretamente comprometido com a morte do sujeito fragilizado, que cede lugar ao novo homem.

Esteban morre luxurioso e ressurge como o dominador Holofernes; desse momento em diante, os obstáculos começam a romper-se diante do personagem. As pressões internas que antes o afligiam já não possuem tanto efeito. Victoria, que o havia abandonado no início da jornada em direção a Paris, retorna, pedindo o amor dele. Sabrina agora sente profundo desejo por Esteban, chegando ao ponto de querer morar com ele.

A relação de trabalho igualmente se modifica: Esteban começa a aproveitar as oportunidades sem se esquivar dos escritores que passa a conhecer. Antes, sentia medo e humilhação por sua condição de exilado; depois de experimentar sua força interior, no entanto, passa a integrar e dominar ambientes completamente distintos, conseguindo unir classes sociais diferentes.

Tornou-se líder dos imigrantes, representando um pouco de todos os que chegam ao exílio sem provisões materiais nem emocionais; na trajetória que empreende, consegue transformar sua situação, passando de menino a homem. Para tanto, não se pode negar a relevância das personagens Susi, Victoria, Sabrina e Paula.

Ao sentir-se sem saída Esteban experimenta com Susi um sexo complacente e desesperado. Nesse momento, sente-se igual a qualquer outro homem, com o direito de extravasar seus sentimentos. O abandono de Victoria o faz dedicar-se a conquistar Sabrina. No entanto, por ser apenas um jovem sem a experiência e a audácia necessárias para conquistar a cidade de Paris, sua intenção mostra-se fadada ao fracasso. Sabrina somente o acolherá quando deixar de ser um sujeito dominado pelo medo.

Para que o crescimento interior dele ocorra, aparece, em seu caminho, Paula e seu erotismo. A personagem usa de artifícios sexuais para despertar em Esteban uma nova identidade. É através do prazer que Paula mata o menino e recria o homem.

Assim, depois da reconstrução identitária de Esteban, ele passa a ter todas as mulheres a sua disposição e, concomitante a isso, progride profissionalmente. Dessa forma, pode-se perceber que o sujeito aceita os desafios do sistema globalizado e que, mesmo sofrendo traumas causados pelo deslocamento da terra natal, ele consegue reagir e sobreviver a tudo através da cumplicidade do “outro”.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema de globalização vigente em nossos tempos não só possibilitou a expansão de novas perspectivas comerciais, sociais e políticas, como também diminuiu distâncias, com a velocidade imprimida aos meios de transportes e de comunicação. No contexto de desenvolvimento mundial, emerge o sujeito que, ao viver as tensões características do contexto histórico, busca sua reconstrução identitária.

Devido a tantas possibilidades de progresso oferecidas ao indivíduo, ele não tem como se negar a usufruir dos benefícios que a globalização lhe oferece. As fascinações de viver em um mundo globalizado é que quase todos podem adquirir os mesmos bens e ter o mesmo acesso às novidades promovidas pela mídia. Os jornais e os telejornais passam notícias de todo o mundo e, por isso, o sujeito, sem sair de casa, conhece novos lugares e também os problemas próprios de cada nação.

Fazer parte de um sistema global é desejar integrar o todo e expandir-se, tanto física quanto intelectualmente. Conforme Bauman “Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança” (1999, p. 8). No contexto em questão, vive o sujeito ansioso pelo consumo de bens materiais ou por estar em constante deslocamento físico e na maioria das vezes também virtual, a fim de conquistar a felicidade.

A mídia, na posição de grande aliada da sociedade de consumo, incentiva o sujeito a resolver seus problemas através do consumismo. Para que ele se sinta realizado, deve consumir e, para que se desfaça dos sentimentos negativos, deve, da mesma forma, consumir. A era do consumo, embora bastante enfatizada, mostra-se fugaz. O sujeito que adquire um produto hoje perde logo o interesse por ele, já que as indústrias colocam constantemente no mercado novos objetos, tornando aqueles comprados há poucos meses quase obsoletos. A

indústria de bens de consumo não para por aí. O sujeito, já tendo consumido muitos eletroeletrônicos, entre outras coisas, agora passa a consumir territórios.

Devido a isso, em um sistema baseado no imediatismo, depois de o consumo ter sido efetivado, começa uma nova aventura. O sujeito necessita estar em pleno e contínuo movimento; caso contrário, se não estiver fazendo constantes viagens, pode ser comparado a alguém que experimentou a morte.

Assim, o indivíduo, praticamente forçado a locomover-se, começa a ter a impressão de que o melhor a fazer é afastar-se do lar. Nesse ínterim, passa a reconsiderar a possibilidade de viver a diáspora sob uma nova perspectiva. Então, em vez de somente atrelá-la ao banimento sofrido pelo povo judeu, o sujeito pós-moderno a enxerga como forma de oportunidade de mudança de vida. Segundo Bolaños que recorre a Brah, “Embora a palavra evoque trauma e separação, presentes em qualquer migração, diáspora também significa esperança e começo” (2010, p. 170 apud BRAH 1998). Conforme as teóricas, o sujeito que pretende viver no exterior nutre a esperança de realizar algum desejo.

Contudo, geralmente o afastamento em discussão implica algum tipo de crise. O olhar do exilado é transformado tanto em relação ao exílio quanto à terra natal, e o sujeito acaba perdendo sua identidade. Logo, deixar a pátria torna-se uma questão paradoxal, já que, a princípio, pode parecer o início do processo de crescimento identitário, mas o que ninguém prevê é que também possa haver a perda da identidade. Com o advento da globalização, falar de identidade parece ser impossível, pois tal fenômeno prega a homogeneidade na maneira de vestir, de consumir e, portanto, na forma de pensar. Todo o sujeito parece pertencer ao mesmo lugar, pois as culturas se entrelaçam, formando outras.

Dessa forma, as nações deixam de ser territórios fechados por fronteiras. Estas estão abertas, e as culturas sofrem hibridizações, desconsiderando a possibilidade de ser mantida a pureza das tradições. Com essa nova forma de pensar a cultura, é imperativo incluir, nas relações humanas, as negociações das diferenças.

Para conseguir viver a diáspora, o sujeito necessitará da cumplicidade de outras pessoas; é a partir de uma convivência híbrida, no exílio, que encontrará a força necessária para vencer seus obstáculos. O exílio, desse modo, sempre se converte em um trauma e os referidos traumas levarão o sujeito a buscar maneiras de perseverar e de vencer suas provações.

O indivíduo que se desloca da terra natal nunca retorna da mesma forma que saiu: ele sofre mudanças permanentes. O olhar na direção do lar já não possui a mesma significação e não desperta as mesmas emoções. Alguns, após se afastarem pela primeira vez da terra natal,

nunca mais constituem morada fixa. Ao conhecerem novas culturas, os imigrantes sentem falta das grandes cidades com o exagerado fluxo de pessoas. Apesar de sofrerem algumas situações conflitantes, esses sujeitos necessitam continuar viajando por outros países, a fim de encontrar-se com os desejos advindos do sistema pós-moderno.

Assim, no decorrer do estudo envolvendo o sistema global, ficou claro que o romance de Santiago Gamboa, *A síndrome de Ulisses*, reflete o sujeito contemporâneo, aqui representado por Esteban, um indivíduo fruto do pós-colonial e, portanto, do pós-moderno, e que se lança ao mundo sem proteção. Com isso, surge a necessidade de uma reformulação de culturas, para que esse sujeito solitário consiga enfrentar a diáspora. Assim, a primeira atitude a ser tomada é a realização das negociações entre imigrantes de diferentes países.

Os imigrantes mencionados, além de serem produtos de uma sociedade que prega a efemeridade das relações, baseadas no consumo, são pessoas que têm a sua identidade diluída pelo afastamento do lar. A situação em foco contribui para que o sujeito perca seu referencial proveniente da pátria. Assim, o referido personagem é vítima de uma sociedade pós-moderna que impele o sujeito à locomoção. Surge, então, um indivíduo fragmentado entre o lar e o exílio. A comunicação com o “outro” faz com que esse mesmo sujeito consiga diminuir os efeitos negativos da diáspora.

A simbologia do “outro” na vida do sujeito diaspórico é, portanto, de extrema relevância. No personagem Esteban, a representação do “outro” torna-se tão presente que, através dela, desfaz e reconstrói a própria identidade. Isso se dá a partir do momento em que Esteban decide abandonar o lar e se encontra dividido entre o sentimento pela terra natal e as possibilidades abertas pelo exílio.

O lar de Esteban é simbolicamente representado por sua antiga namorada, Victoria. Com o rompimento entre ambos, ele se perde, pois não tem mais a proteção da pátria; isso faz com que o personagem tenha ainda mais presente as suas dores emocionais e as dores físicas derivadas do frio e da fome. Ao mesmo tempo, Esteban está à espera da conquista de Paris, que parece se afastar dele. Enquanto não consegue seu objetivo, aproxima-se de Susi. É nela que o personagem projeta toda a emoção de angústia e desespero, revelada no contato sexual. Susi faz com que Esteban tenha momentos felizes, mas ele ainda não se sente satisfeito com a vida que leva.

A fim de encontrar um lugar nessa terra desconhecida, ele procura relacionar-se com Sabrina, representação do exílio, mas é desprezado pela francesa. Dessa maneira, Esteban se

desencontra ainda mais de Paris. O personagem, então, começa a viver a vida dos outros: investiga a vida de Nestor, cuida de Saskia, a fim de não olhar para si.

Contudo, ao surgir em sua vida a colombiana chamada Paula, Esteban encontra um lugar representativo do lar, porém sob uma nova visão. Assim, ao passar uma noite com Paula, Esteban redescobre a Colômbia por um ângulo diferente: um lugar que lhe proporciona prazer e segurança. Para chegar a tal estágio de confiança em sua identidade, ele experimenta com Paula uma relação de cumplicidade e erotismo. Trata-se da forma usada pela personagem para que Esteban se redescubra. Pela atitude de Paula em relação à sexualidade e, por extensão, em relação à vida, Esteban muda a visão que possui de si. A fim de que sua mudança seja permanente, nomeia seu pênis de Holofernes, um bravo conquistador, introjetando tal identidade.

Desde o momento em que Esteban assume uma nova imagem diante do erotismo, ele passa a apresentar também uma atitude mais agressiva em relação à própria vida. Com a mudança referente à sexualidade, ele finalmente conquista o amor de Sabrina. Agora ele sabe o que veio a fazer em Paris e luta pela realização de seus objetivos, conquistando, assim, o exílio.

Desse modo, pode-se concluir que o sujeito advindo de um sistema globalizado é impelido a lançar-se no mundo sem qualquer tipo de segurança, passando a sofrer os efeitos de viver a diáspora, tendo a sua identidade fragmentada.

Considerando que o personagem é um homem inserido nesse contexto de migrações, é relevante entender a importância do “outro” na vida de Esteban. Além disso, torna-se evidente que o sujeito pós-moderno possui estratégias para encarar a diáspora sob novo ângulo. No caso particular de Esteban, foi a importância dada ao erotismo que o levou a permanecer no exílio e a conquistar seus objetivos.

## Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhael. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Benardini; José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 394 p. (Humanitas, 5º impressão).

BOLAÑOS, Aimée. Diáspora. In: BERND, Zilá. (Org.) *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. (Org.) Zilá Bernd ... [et al.] – Porto Alegre: Literaris, 2010. p. 167-171

BOLINCHES, Antoni. *El arte de enamorar: Pareja y Sexualidad*. Barcelona: Random House Mondadori S. L. 1999. 206 p.

CORTÉS, Adriana. *La narrativa extraterritorializada*. La jornada semanal, 04 de abril de 2010, n. 787. Entrevista concedida a Adriana Cortés pelo autor Santiago Gamboa. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2010/04/04/sem-adriana.html>> Acesso em: 20 de abril de 2011.

COUTINHO, Afranio. *Notas de teoria literária*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GAMBOA, Santiago. *El síndrome de Ulises*. Bogotá: Seix Barral, 2010.

\_\_\_\_\_. *A síndrome de Ulisses*. Trad. Luis Reyes Gil. São Paulo. Planeta, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 3º ed. – Rio de Janeiro: Graal, 2009.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. (Org). Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende; Ana Carolina Escosteguy; Cláudia Álvares; Francisco Rüdiger; Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG, 2009. 410 p. (Humanitas 1ª ed.).

HERREROS, Catalina García García. *Personagens que viajam: uma tipologia do deslocamento global na narrativa de Santiago Gamboa*. In: Universidade de Salamanca (Simposio CEISAL C/L T 1) s.d. Disponível em: < <http://www.reseau-amerique-latine.fr/ceisal-bruxelles/C-LIT/CLIT1GARCIA%20HERREROS.pdf>>. Acesso em: 22 de abril de 2011.

HOYOS, Oscar Robledo Hoyos. *El síndrome de Ulises: uma viagem desde a literatura*. Postado na POLIS, Revista Acadêmica da Universidad Bolivariana 13ª edição, s.d. Disponível em: < [www.revistapolis.cl/indice\\_alfabetico.htm](http://www.revistapolis.cl/indice_alfabetico.htm) -> Acesso em: 20 de abril de 2011.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. 2. ed., São Paulo: 34, 2009.

MUIR, Edwin. *A estrutura do romance*. Trad. Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Globo, 1928.

NUSSBAUM, Martha Craven. Universidade de Chicago. Disponível em: <<http://portal.filosofia.pro.br/o-que-e-amor.htm>> Acesso em: 11 de janeiro de 2011.

PORRAS, Maria del Carmen. *(Im)posibilidades da figura do intelectual: El síndrome de Ulises de Santiago Gamboa* (2008). Argos, vol. 25, nº. 482008. p.70-87. Universidade Simón Bolívar. Disponível em: <[argos.dsm.usb.ve/archivo/48/4.pdf](http://argos.dsm.usb.ve/archivo/48/4.pdf)>. Acesso em 24 de abril de 2010.

RAMIA, Maria Campaña. *Los ensayos de Archibaldo: uma entrevista a Santiago Gamboa*. Miércoles, agosto, 25, 2010. Entrevista concedida a Maria Campaña Ramia pelo autor Santiago Gamboa. Realizada via email e skype. Disponível em: <[archibaldodelacruz.blogspot.com/2008/10/santiago-gamboa-sobre-el-viaje-la.html](http://archibaldodelacruz.blogspot.com/2008/10/santiago-gamboa-sobre-el-viaje-la.html)> Acesso em: 20 de abril de 2011.

RAVETTI, Graciela. *Tropologias performáticas do exílio. Traoré, de Juan José Saer e A síndrome de Ulisses, de Santiago Gamboa*. Disponível em: < [http://ufmg.academia.edu/GracielaIn/Papers/527296/Tropologias\\_performaticas\\_do\\_exilio](http://ufmg.academia.edu/GracielaIn/Papers/527296/Tropologias_performaticas_do_exilio)>. Acesso em: 25 de abril de 2011.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TOSCANO, Ana Maria da Costa. *Las nuevas diásporas latinoamericanas en el síndrome de Ulises, de Santiago Gamboa*. Edições Universidade Fernando Pessoa. CELA – Centro de Estudos Latino-Americanos, 2007. Disponível em: < <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/2320>>. Acesso em: 24 de abril de 2011.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. (Org.) SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 16-17 p.

VILLAMIZAR, Sergio. *Ulises: el síndrome del ilegal*. Bogotá. Entrevista concedida a Sergio Villamizar pelo autor Santiago Gamboa. Disponível em: <[www.flujosmigratorios.org/documentos/Documentos/Estudios/Sindrome\\_Ulises/Sergio\\_Villamizar.pdf](http://www.flujosmigratorios.org/documentos/Documentos/Estudios/Sindrome_Ulises/Sergio_Villamizar.pdf)> Acesso em: 20 de abril de 2011.

ZARZUELA, ANA; GARCIA, Luis. *Novela negra*. Revista Cambio, n.16. Espanha. Literatura. com. Entrevista concedida à Ana Zarzuela e Luis. Concedida pelo autor Santiago Gamboa. Disponível em: <<http://www.literaturas.com/gamboa.htm>>. Acesso em: 21 de abril de 2011.